

RENATO JALES SILVA JUNIOR

**CIDADE E CULTURA
MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE VIVERES URBANOS NO
BAIRRO BOM JESUS UBERLÂNDIA-MG 1960-2000**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de História

2006

RENATO JALES SILVA JUNIOR

CIDADE E CULTURA:
Memórias e narrativas de viveres urbanos no Bairro Bom Jesus
Uberlândia-MG 1960-2000

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como Exigência parcial
para obtenção do título de mestre em
História Social, sob a orientação da
Professora Doutora Célia Rocha
Calvo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Junho/2006

Resumo

Este trabalho tem por objetivo compreender como se transformaram os modos de viver na cidade de Uberlândia durante os anos de 1960 a 2000.

Para a compreensão destas transformações analisamos as intervenções promovidas a partir do bairro Bom Jesus, interpretando-o não como espaço, mas como território constituído a partir das relações sociais construídas em seu interior e em relação com a cidade.

Percebemos que estas transformações quebraram antigas formas de viver a/na cidade. Evidenciamos também que os projetos hegemônicos implementados a partir deste processo foram de diversas formas questionados pelos moradores desta cidade no seu fazer-se diário como sujeitos, que com outras estratégias buscaram fazer os seus projetos colocando outros valores em disputa.

Procuramos, ainda, recuperar outras memórias silenciadas por uma memória hegemônica que tenta se instituir como história única desta cidade. Colocar outras em movimento para pensar como os valores em torno do viver na cidade estão sendo disputados no presente.

Trabalhamos com categorias analíticas como cidade e cultura buscando inspiração na tradição marxista, principalmente a partir dos estudos culturais de E. P. Thompson, Raymond Williams, Richard Ruggart.

Palavras chave: Memória; cidade de Uberlândia; narrativas orais; modos de vida; crescimento urbano.

À minha mãe que me ensinou as mais belas lições sobre amor, solidariedade e compreensão... ensinou-me também que as lutas do dia-a-dia são árduas para os que tem poucas armas, mas que apesar disso sempre é possível e necessário criar estratégias para aumentar o seu poder de fogo...

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a Dr. ^a Célia Rocha Calvo - UFU
(orientadora)

Prof^o Dr.^o Carlos Alberto de Oliveira - UESC

Prof. ^a Dr. ^a Heloísa Helena Pacheco Cardoso - UFU

Agradecimentos

Durante estes dois anos muitas pessoas cruzaram meus caminhos e de diversas formas deram força para a realização deste trabalho, queria aqui colocar alguns que marcaram minha experiência neste curto espaço de tempo.

Primeiro agradeço ao meu pai, Renato Jales Silva, pelo apoio, por sempre acreditar e por ensinar-me os significados de ser trabalhador. Aos meus irmãos, Eduardo e Clóvis, que em meio a muitas divergências construímos uma relação de cooperação e compromisso.

Agradeço ao Professor Mestre Sérgio Paulo Moraes que deste o início acreditou neste trabalho. Ao professor Doutor Paulo Roberto de Almeida pelo apoio, pelas críticas às vezes duras, mas que me fez rever posturas e refazer algumas formas de olhar o social.

À professora doutora Heloísa Helena Pacheco Cardoso que ajudou a organizar minhas idéias e deu-nos segurança no momento em que tudo parecia disforme e com pouco sentido. Obrigado também pela leitura atenta e criativa do trabalho de qualificação.

Ao professor Doutor Antônio de Almeida pelas valiosas colaborações na banca de qualificação. Além da discussão teórica tenho muito a agradecer-lo pelo que nos passou desde os primeiros anos da graduação e que, com certeza sedimentou alguns valores na minha formação do que é ser professor de história e ao mesmo tempo cidadão.

Aos companheiros de linha Gianni, Mônica, Ivani e Soene que dividiram mais de perto as angústias e incertezas do início da caminhada e contribuíram para um melhor entendimento dos caminhos e procedimentos adotados ao longo do texto.

Aos velhos companheiros de reflexões Jane Machado, Edeílson Matias, Jussara, agora separados pelos caminhos profissionais que vamos adotando ao longo da vida, mas ainda juntos nos sonhos e na percepção de que uma outra sociedade é necessária.

Ao amigo Raphael Alberto, grande companheiro das longas e agradáveis tardes de conversas na universidade. Este espaço é pequeno para expressar o significado de sua amizade na minha formação. Sujeito de uma lealdade e de um espírito de solidariedade incomensurável que, por outros caminhos, construímos sentidos para se pensar como transformar essa sociedade.

Aos amigos Rogério e Elton, grandes companheiros dos bares e cervejas que ajudaram a desviar um pouco as minhas preocupações sobre este trabalho e que souberam entender as chatices de um mestrando.

Agradeço também os amigos da Universidade Estadual de Goiás, Edinha, Ivonilda, Kátia, Florisvaldo pelas boas conversas nas rodoviárias da vida, nesse novo ofício de professor-caixeiro-viajante. Essa troca de experiências nestes lugares ajudaram muito na minha formação profissional e a diminuir inseguranças neste início de carreira.

Agradeço também a alguns alunos da UEG em especial ao Sílvio Batista que vem dividindo sua experiência de ser trabalhador comigo nos projetos de pesquisa e, agora, na orientação da sua monografia. Sua força de vontade nos dá um gás a mais para continuarmos na luta por disputar as nossas concepções de história nos mais diferentes lugares.

Agradecimento especial aos moradores do bairro Bom Jesus que se dispuseram a refletir junto comigo sobre os caminhos e projetos disputados nesta cidade nestes últimos quarenta anos.

À minha companheira Fernanda Ferreira que dividiu angústias e esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis quando não conseguíamos visualizar um caminho para colocar as reflexões no papel. Passamos por outras dificuldades e vamos aprendendo a enfrentá-las e encontrar o nosso caminho juntos.

Aqui também um pedido de desculpas aos alunos da escola Municipal Otávio Batista Coelho Filho – onde trabalhei no ano de 2004 – pelas muitas vezes em que, na obrigação de priorizar tarefas neste tempo do mestrado me vi na obrigação de deixá-los em segundo plano, o que gerou muitas reclamações pela falta de opções nas nossas aulas e ainda assim foram muito solidários comigo ao final do nosso trabalho.

Para finalizar queria agradecer a professora doutora Célia Rocha Calvo pela orientação dedicada, solidária e companheira. Queria agradecer a paciência, a força e, principalmente a confiança expressa na execução deste trabalho. Aprendi com a professora Célia não só os procedimentos de análise, mas também a importância de sermos militantes da história e o compromisso de estarmos em uma universidade pública, o que deu a estes dois anos uma importância muito maior do que o direito de usar o mestre antes do meu nome.

SUMÁRIO

1- Apresentação.....	10
2- Capítulo I: “Uberlândia cresceu junto comigo, eu cresci junto com Uberlândia”.....	37
3- Capítulo II: “Moramos numa ilha chamada Bom Jesus”: algumas histórias sobre a avenida Monsenhor Eduardo.....	79
4- Considerações Finais.....	129
5- Fontes.....	145
6- Bibliografia.....	148

APRESENTAÇÃO

Início este diálogo com o leitor e com os vários sujeitos ouvidos nesta pesquisa apresentando, de forma geral, o meu tema e, no decorrer desta apresentação, como ele se desenrola no chão social¹ da pesquisa. Tomo de empréstimo o termo de Heloísa Faria Cruz para falar sobre o tempo em que esta dissertação foi escrita. Como um dos símbolos deste tempo, lembramos aqui de uma entrevista dada no dia 4 de junho de 2005 pelo então presidente do Partido dos Trabalhadores, José Genoíno, na qual ele se defende de algumas acusações de corrupção dentro do partido, irradiada no governo federal no programa Roda Viva da TV Cultura. Estas denúncias vinham se arrastando; figuras da direção do partido, deputados e membros diretos do governo eram noticiados cotidianamente em um processo de crises construídas e reforçadas por uma parte da imprensa.

A entrevista com José Genoíno termina quando ele se emociona ao ser perguntado sobre a declaração de um membro do comando do exército que teria dito que este entregara seus colegas da Guerrilha do Araguaia sem que tenha recebido nenhuma agressão, somente com a possibilidade de ser torturado, dando a conotação de fraqueza do militante. Além de legitimar a tortura, estas declarações buscavam descaracterizar um grupo que estava à frente do governo brasileiro.

O que liga esses dois processos de forma tão avassaladora? O que tem a ver a Ditadura Militar, suas torturas e o movimento de guerrilha com o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2005? E, mais do que isso, o que essas falas ligam, como a minha problemática em torno de uma dissertação de mestrado em História Social? Que sentidos têm esta minha reflexão em meio a estas perturbações e dúvidas e a um processo violento de disputas políticas e execração pública? Que sentidos têm a minha dissertação neste momento para além de um título?

É este o turbilhão de sentimentos que compõem a minha experiência como sujeito no momento em que estou lendo obras, documentos, entrevistas e tentando construir uma reflexão. Refletindo sobre a experiência de um operário na presidência da

¹ CRUZ, Heloísa de Faria. Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana – São Paulo 1890-1915. 1994. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de São Paulo. p. 7.

República e todos os efeitos políticos desse momento vivido. Esse é um pouco do que chamamos, aqui, de chão social, que está presente neste trabalho.

Estas questões marcam a experiência do pesquisador e provocam questionamentos sobre como pensar o social, o momento vivido, expressar posicionamentos, olhares políticos no momento de interpretar as relações sociais nesta cidade.

Busco, aqui, refletir sobre mudanças que levaram a construção de um conjunto de avenidas que passam a cruzar a cidade em várias direções, dando um aspecto veloz aos seus lugares centrais. Ao mesmo tempo, procuro entender como estas intervenções são reelaboradas pelos muitos trabalhadores que utilizam estes lugares para suas moradias, trabalho, lazer, enfim, pelos que constroem laços e sociabilidades. Estes diferentes usos da cidade, amalgamados com estas experiências do tempo presente, trazem as primeiras questões sobre como homens e mulheres, no seu fazer cotidiano, intervêm no fazer-se da cidade e constroem sentidos políticos e culturais para ela.

A partir desta problemática central, aparecem as categorias cidade e cultura, que se cruzam para pensar as muitas intervenções nos territórios urbanos, e a forma como são vivenciadas na experiência social e histórica dos seus moradores. Assim, é possível perceber como o fato de mudar, modificar lugares, pode interferir e criar práticas, transformar valores e sentimentos, atribuídos pelos seus sujeitos nas suas vivências e no modo como explicam e interpretam estas mudanças em suas vidas.

Para entender as relações sociais constituídas nesta cidade, partimos de um pedaço específico dela, o bairro Bom Jesus, sem ficar preso à história de um lugar, mas interpretando algumas memórias construídas sobre viveres neste território. A temporalidade das memórias lidas e construídas neste bairro levou-me para os anos 1960 e 1970, décadas de mudanças e transformação nos modos de viver a/na cidade. Elas foram interpretadas pelos moradores deste bairro e serão reinterpretadas por mim à luz de alguns supostos básicos.

Uma cidade é feita de lugares e de pessoas², esta afirmação de Alessandro Portelli dá uma dimensão das inquietações discutidas neste trabalho: trazer a cidade e a constituição dos seus espaços a partir dos significados de algumas histórias de

² PORTELLI, Alessandro (Coord.). República dos sciuscià: a Roma do pós-guerra dos meninos de Dom Bosco. São Paulo: Editora Salesiana, 2004. p. 9.

moradores do bairro Bom Jesus. A cidade emerge, então, a partir destes enredos, mas em diálogo com outros sujeitos e trazendo as muitas experiências do viver urbano na pluralidade de suas forças.

Muitos dos questionamentos colocados neste trabalho vêm da minha experiência, de filho de trabalhadores, conquistada na vivência em alguns lugares desta cidade, aos quais atribuí outros significados em função dessa experiência e do conhecimento adquirido no curso de História.

Nasci e me criei nesta cidade, os meus pais vieram do campo para Uberlândia no início dos anos 1970, um tempo de investimentos de grupos econômicos que, juntamente com o acúmulo de capital, buscavam a mão-de-obra destes trabalhadores. Neste contexto, meu pai conseguiu trabalho na Petrobrás, que acabara de assumir o controle da antiga Petrominas com investimentos capitaneados por uma parceria com a Prefeitura Municipal, que apoiava e detinha quadros no governo militar.

Ao discutir a produção da memória sobre esse tempo de investimentos de grupos hegemônicos da cidade, Célia Rocha Calvo traz o ambiente das alianças políticas e articulações que possibilitaram a atração de grupos empresariais para Uberlândia com o investimento estatal como impulsionador:

Nesses tempos de silêncio, imposto aos que eram contra a política instituída, os empresários de Uberlândia viveram seus anos áureos de desenvolvimento. A intermediação política entre a cidade e o Estado foi estabelecida num clima de muito otimismo. Os quadros locais constituídos, antes, em torno da UDN e PSD, juntaram-se em torno da figura de Rondon Pacheco, que não apenas foi chefe da Casa Civil, mas responsável pela articulação dos projetos do governo, em nível nacional. Era presidente da Arena.³

Estes tempos de investimentos do capital privado e crescimento urbano foram também tempos de constituição de alguns lugares de moradia para esses trabalhadores. Nesse tempo, meus pais moraram próximos aos trilhos da Mogiana, na avenida Mato Grosso, até então bairro constituído por trabalhadores e trabalhadoras que buscavam essa cidade na luta pela melhoria de suas vidas. Depois, moramos no bairro Tibery, no início dos anos 1980, quando lá ainda não havia infra-estrutura básica como asfalto e

³ CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos – Uberlândia 1938-1990. 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. p. 140.

energia elétrica. Lembro-me muito bem das noites de domingo em que nos reuníamos com a vizinhança para assistirmos futebol, com uma pequena televisão ligada a uma bateria de carro. Quero me reportar a uma experiência constituída nesses espaços de trabalhadores e nas estratégias criadas por eles para construírem seus lugares e estabelecerem relações com seus pares a fim de diminuir as dificuldades encontradas.

Depois do Tibery, nos mudamos para outro lado da cidade, para o bairro Roosevelt, onde moramos num imóvel financiado pelo Banco Nacional de Habitação. O bairro Roosevelt fora constituído por um grupo de conjuntos habitacionais, próximos à rodoviária, ao lado da BR-365, no final da década de 1970. Lembro-me, assim como muitos moradores ouvidos nesta pesquisa, de morar “próximo ao mato” e de aprender a utilizar essa característica como forma de lazer, nas brincadeiras de criança. Estas foram opções de moradia apresentadas aos trabalhadores naquele momento, que, por outro lado, souberam criar, instituir seus modos de viver nestes lugares, recriando a cidade e deixando suas marcas.

Passando por dificuldades, como falta de energia elétrica, asfalto e transporte coletivo, no início dos anos 1980, assisti sob novos olhares às modificações sofridas por esta localidade, que fora em outro momento lugar⁴ de trabalhadores. Assim, busco entender como este tempo é lembrado, narrado e interpretado por outros trabalhadores, em uma outra relação que agora estabeleço com eles em seus lugares. A volta neste local de pesquisa tem também o intuito de dialogar sobre estas experiências e entender como os moradores desta cidade construíram as suas estratégias, evidentemente que não da maneira como queriam, mas como fizeram, a partir de uma possibilidade de escolha, para reconstruir e dar seus significados aos lugares de moradia.

Confesso que, mesmo vivenciando estas mudanças no lugar onde moro, a cidade, enquanto tema de pesquisa, pareceu-me distante e não me incomodou durante boa parte da graduação. Aliás, a opção pelo curso de história vinha de uma outra perspectiva, de um outro olhar. Buscava, inicialmente, entender como as pessoas

⁴ Este termo ganha, aqui, uma dimensão mais ampla do que simplesmente uma localização no espaço urbano da cidade. Ao pensar a idéia de lugar, estou dialogando com textos como o do sociólogo Rogério Proença Leite, para quem os lugares são “demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos os qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente”. (Cf. LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade – lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Aracajú/SE: Editora da UFS, 2004).

estavam trabalhando e vivendo em uma sociedade extremamente desigual, dissociada do viver a/na cidade.

Ainda na época em que era secundarista, a desigualdade visível na sociedade, tanto no âmbito da cidade de Uberlândia como numa perspectiva mais abrangente, me deixava apreensivo. Esse sentimento fora construído na convivência com moradias precárias, na dificuldade de nos mantermos na escola e na necessidade de começarmos a trabalhar ainda adolescentes. Essa formação me colocara aquilo que acreditava ser de minha “responsabilidade”: buscar uma forma de atuar para colaborar na superação desta situação.

O curso de história surge então para superar um sentimento de impotência e, em alguns momentos, aquilo que eu percebia como falta de compromisso com a mudança. Acreditava que, neste curso, encontraria a “fórmula” para me tornar um sujeito ativo de uma mudança idealizada. Para isso, eu buscava participar de algumas instituições, como diretórios estudantis e sindicatos, que poderiam também me aproximar desta forma de atuar. Isso também me levava a perseguir temas que poderiam me colocar como “sujeito ativo” politicamente⁵.

Na verdade, era a forma como pensava a história que me distanciava do olhar para os modos de viver na cidade dentro destas relações desiguais. Trata-se de uma concepção de história ainda agarrada às instituições que diluíam os sujeitos em grupos teoricamente “organizados” ou da noção de que a história é feita com as massas organizadas⁶. Essa noção inicial me levava aos partidos, aos sindicatos, às associações de moradores. Ao andar pelo bairro e conversar com outros sujeitos, tive contato com alguns que traziam outras histórias ricas sobre a cidade e os seus lugares, sem que passassem por estas instituições (alguns muito críticos delas). Essas outras histórias me impuseram a responsabilidade de pensar outras questões que me ajudassem a aprofundar na noção de sujeito e nas suas relações com a história.

Entendo agora que essas desigualdades, vistas e vividas juntamente com outros trabalhadores nesta cidade, são constituídas no modo de vida, na maneira como os

⁵ Fato característico desta busca foi a minha adesão ao Projeto “Memória Sintet-UFU: organizar a memória para discutir a história”, organizado pela professora doutora Célia Rocha Calvo, que tinha como objetivo “preservar e organizar a memória social do movimento de lutas dos trabalhadores técnico-administrativos da Universidade Federal de Uberlândia”.

⁶ Tema discutido e problematizado por CHAUÍ, Marilena. A história se faz com as massas organizadas. Será? In: Seminário: Sociedade, Cultura e Sindicato. Palestra transcrita na Coleção do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Aprendizagem do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

moradores se fazem sujeitos nas formas de se relacionar na cidade e nas maneiras como potencializam suas ações para tensionarem estas relações desiguais. Criando os lugares e instituindo suas marcas, a cidade passa a ser problema como espaço destas disputas. Nesta noção de sujeitos, na qual homens e mulheres fazem a cidade e se fazem nesse processo, chego à compreensão não de uma história fruto de um olhar para a massa diluída, mas de uma interpretação e produto de muitas histórias.

É a partir deste primeiro entendimento que procuro apontar os caminhos na minha reflexão. No projeto para o mestrado, continuava na abordagem dos movimentos sociais, inspirados na reflexão do sociólogo Eder Sader⁷, que constrói a sua análise na perspectiva dos sujeitos coletivos constituídos a partir desses movimentos, buscando suas estratégias de luta, as negociações com o poder público, as resistências e as formas como vivenciaram as mobilizações no início dos anos 1980. No entanto, essa abordagem encontrou alguns limites no momento em que volto a ouvir os moradores do bairro. Alguns não estavam com seus nomes ligados aos atos públicos realizados no bairro, nas assembléias ou reuniões da associação, porém recriaram, a partir de suas trajetórias, dificuldades, formas de se relacionar com o poder público, com as empresas, com outros trabalhadores e, neste fazer-se, trouxeram-nos experiências muito ricas sobre o viver nesta cidade.

Essas outras formas de ler a realidade social e produzir histórias sobre ela também contou com valiosas contribuições nas discussões sobre memória e história realizadas no interior da linha Trabalho e Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia que, além das reflexões em sala de aula, nos proporcionou encontros valiosos nas oficinas oferecidas pelo projeto PROCAD (Programa de Cooperação Acadêmica)⁸. Neste debate, entendi que falar de sujeitos sociais significa falar de uma multiplicidade de agentes. As reflexões colocadas na obra de Dea Ribeiro Fenelon contribuiu muito para este entendimento, sobretudo quando a autora trabalha a categoria cidade para além de um conceito pronto:

[...] a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, e

⁷ SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970–80). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁸ Oficinas com as professoras doutoras Maria Elisa Cevasco, Laura Antunes Maciel e Dalva Maria de Oliveira Silva.

por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço da manipulação do poder. E ainda mais importante, é valorizar a memória, que não está apenas nas lembranças das pessoas, mas tanto quanto no resultado e nas marcas que a história deixou ao longo do tempo em seus monumentos, ruas e avenidas ou nos seus espaços de convivência ou no que resta de planos e políticas oficiais sempre justificadas como o necessário caminho do progresso e da modernidade.⁹

Esta crítica nos ajuda a não cairmos em algumas armadilhas que as leituras do social às vezes nos apresentam. No intuito de valorizarmos outras memórias na pauta de construção das histórias de Uberlândia, corremos o risco de apenas invertemos a polaridade, isto é, criticarmos a força desigual que a memória hegemônica possui quando constrói uma interpretação única que elimina a diferença e a desigualdade, colocando para os seus executores uma exclusividade de ações, para outra também exclusiva de trabalhadores e moradores da cidade, eliminando o relacional, as tensões vivenciadas por estes grupos no cotidiano de suas ações.

Entender a pluralidade e a diferença significa entender que no fazer-se da cidade estão as trajetórias dos moradores, suas estratégias, alianças, rompimentos, e, além disso, significa perceber que são nessas ações que estes se fazem sujeitos em relação (e por vezes em disputa) com outros — prefeitos, vereadores, jornalistas — na luta pelo pertencimento à cidade.

Acredito que outra mudança fundamental nesse momento gira em torno da noção de política e cultura que eu vinha construindo até então e da relação destas com história e memória. É um exercício de reconstituição do terreno da política, como propõe Yara Aun Khoury¹⁰. Essa mudança não se deu em função única das leituras e discussões teóricas, mas foi provocada também pela investigação no campo da pesquisa, pelos enredos construídos pelos moradores, os quais me fizeram rever minhas noções e duvidar mais dos conceitos que eu estava trazendo na bagagem.

Aqueles moradores ligados à associação e os que participaram dos atos públicos no bairro não deixaram de ter importância na pesquisa, mas outros foram ouvidos e me fizeram repensar o que significa “intervir” nos lugares.

⁹ FENELON, Déa Ribeiro (org.). Introdução. In: Cidades. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História PUC/SP. São Paulo: Olhos d'água, 1999, p. 7.

¹⁰ KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (orgs.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olhos d'água, 2004. p. 119.

Ao ampliar o diálogo com a pesquisa, construo também uma outra forma de lidar com os moradores deste lugar, saindo da posição de análise para uma posição de diálogo, buscando construir uma reflexão compartilhada, em torno de temáticas de estudo que são, em última instância, problemáticas sociais vividas¹¹. Este é o grande exercício: construir uma interpretação na qual a cidade é ressignificada na sua polifonia¹², reconhecendo e dialogando com as muitas memórias que nos apresentam na pesquisa, sem nos impor como únicos capazes de interpretar o vivido.

Nos caminhos da pesquisa, voltei a alguns arquivos da cidade¹³ para rever documentos e repensar a produção social da memória constituída nas várias fontes trabalhadas¹⁴. A partir destes documentos e dos relatos dos moradores do bairro Bom Jesus, vou construindo um texto que entende a memória como um campo de disputa e um instrumento de poder. Nesse sentido, busco explorar como memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais¹⁵. Sob esta perspectiva, entendo que o trabalho do historiador também participa destes embates quando ele se coloca como outra memória produzida.

Neste aprendizado de lidar com a memória, foi muito importante a experiência de trabalho que tive no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia¹⁶. A vivência neste centro contribuiu para o meu olhar político sobre a cidade graças ao contato com coleções que guardavam determinados documentos sobre a Universidade Federal e sobre a cidade de Uberlândia¹⁷.

¹¹ Ibidem, p. 124.

¹² SILVA, Lúcia Helena Pereira da. Luzes e sombras na cidade: no rastro do Castelo e da Praça Onze 1920/1945. 2002. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

¹³ Entre eles, o Arquivo Público Municipal e o Centro de Documentação e Pesquisa em História da UFU.

¹⁴ Além das entrevistas realizadas, foram levantadas fontes como o jornal Correio de Uberlândia, atas da Câmara Municipal, correspondências recebidas pelo poder Executivo, mapas da cidade, entre outros que serão trabalhados ao longo dos capítulos.

¹⁵ KHOURY, 2004, p. 118.

¹⁶ Esse contato foi possível a partir de um estágio remunerado que realizei durante dois anos no Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da UFU. Foram dois anos riquíssimos, tanto no contato com diversos documentos, como no aprendizado sobre a conservação e manejo destes documentos. Sob a direção da professora Maria de Fátima Ramos de Almeida, tivemos vários encontros para discutir os centros de documentação, inclusive oficinas com a professora Déa Ribeiro Fenelon, que me instigou a pensar com mais cuidado sobre a idéia de conservação e memória e a função política que permeia estes termos.

¹⁷ O Centro tem como método de guarda e organização a criação de coleções que podem ser nomeadas em função do doador ou de um tema específico. Nesta proposta, existem coleções como: Pró-memória UFU, Coleção Uberlândia, Olívia Calábria, entre outras.

Durante este trabalho, tive contato com outras interpretações. Algumas das coleções do centro de documentação produziam uma memória da cidade de Uberlândia muito diferente daquela vivida nos bairros em que morei. Estas coleções passaram a despertar minha atenção em função destas imagens construídas sobre a cidade, muitas delas destoadas da visão que eu tinha ao andar por ruas e avenidas.

Umas das coleções que me chamava a atenção foi intitulada Uberlândia bens imóveis anos 80, que registra em fotos vários lugares do centro da cidade. O interessante desse conjunto de fotos foi justamente os lugares escolhidos para mostrar a cidade ou registrar uma memória sobre ela em uma década específica. Isto porque as fotos do Uberlândia Clube¹⁸, da praça Tubal Vilela e das várias ruas do chamado centro comercial (Afonso Pena, Floriano Peixoto, Duque de Caxias, Olegário Maciel) foram tiradas sem as pessoas, talvez aos domingos.

Não conseguia identificar esta cidade sem os trabalhadores das praças, sem o movimento das calçadas, sem o trânsito contínuo de homens e mulheres que se utilizam deste espaço para fazer suas compras, pagar dívidas, procurar emprego, tirar documentos pessoais e trabalhar.

Ainda nestas interpretações que construíram algumas memórias sobre a constituição da cidade, encontrei um folder produzido no ano de 1988 pela historiadora Rosália Pires Gonzaga para comemorar o centenário da cidade e divulgar o acervo do Centro de Documentação nas escolas de 1º grau da região. Nesta versão, a cidade de Uberlândia é reconstituída da seguinte maneira:

Há uns 100 anos atrás, no interior de Minas Gerais, ainda não existia a cidade de Uberlândia. Ela começou a se formar quando o governador permitiu a vinda das famílias Pereira, Rezende e Carrijo para a região. Logo, outras também vieram e formaram uma pequena vila, o chamado arraial de São Pedro de Uberabinha, que foi se tornando povoado e produtivo, pois aqui as famílias produziam alimentos para o seu consumo e até para vender.

No começo era bem pequeno, com poucas ruas, ainda de terra, algumas casas, uma igreja, uma escola e uma pracinha. O pequeno comércio que havia com as outras regiões — São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás — era feito por tropas de burro em trilhas pelo mato.

Naquele tempo as pessoas que moravam em São Pedro de Uberabinha desejavam o desenvolvimento e o progresso material do arraial e foram aos poucos construindo boas estradas, pontes sobre os rios, e até a primeira

¹⁸ Clube de festas localizado na Avenida Santos Dumont, centro da cidade, cujo uso está restrito aos grupos de maior poder econômico da cidade.

estrada de ferro da Companhia Mogiana, que existe até hoje e que serviria para receber e transportar mercadorias de toda região.

Assim, desde o início, o comércio foi a marca do desenvolvimento e a riqueza da cidade, transformando-a no que é hoje um importante entreposto comercial do país, que abriga importantes armazéns, como o Martins, o grupo ABC e também a fábrica de cigarros Souza Cruz. Tornou-se então Uberlândia, que quer dizer “Terra Fértil”, “Terra de Progresso”. Hoje, Uberlândia é uma cidade comercial e industrial conhecida por todo o país e até no exterior.

Entretanto, apesar do desenvolvimento alcançado, Uberlândia tem hoje muitos problemas como desemprego, pobreza, violência, crianças abandonadas, enfim, problemas que toda grande cidade possui, mas que não devem ser esquecidos e nem escondidos pela administração local.¹⁹

Primeiro, ocorreu a vinda das famílias Pereira, Rezende e Carrijo à cidade destinada ao desenvolvimento e ao progresso, às estradas, pontes, rodovias e à estrada de ferro, o que dava a ela o título de importante entreposto comercial. Depois, veio o comércio, os importantes armazéns, a grande riqueza e, finalmente, Uberlândia uma cidade comercial e industrial. Estes são referenciais que compõem nas mais diversas circunstâncias a memória única apresentada como sendo a história, a qual fortalece uma versão hegemônica de uma cidade que não reconhece a ação de seus moradores. É justamente por isso que os trabalhadores não têm o direito de saírem nas fotos guardadas nos arquivos acima citados.

Este enredo versa sobre uma história de Uberlândia construída nos referenciais do mercado que buscava divulgar a cidade para investimentos e criar outras possibilidades de ganho e acúmulo de capital. Porém percebemos que ela chega a outros lugares sociais — neste caso, a Universidade Federal de Uberlândia — e é realimentada.

Encontrar este documento, elaborado em um espaço acadêmico da Universidade Federal de Uberlândia, me levou a questionar a força que essa memória tinha para virar uma história ensinada. Nos anos 2002 e 2003, ao participar de um projeto no mesmo centro de documentação²⁰, realizamos várias oficinas com professores da rede municipal de ensino e percebemos que a maioria tinha neste enredo a base do que ensinavam sobre a cidade.

Algumas destas práticas de organização da memória trabalhadas acima, além de reforçarem uma memória construída nos referenciais hegemônicos que dissimula a luta

¹⁹ Uberlândia uma história. Texto de divulgação do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia (grifo nosso).

²⁰ “Os sujeitos sociais e seus lugares: construindo uma História de Uberlândia”, sob a coordenação da professora doutora Maria de Fátima Ramos de Almeida e financiado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da UFU.

de classe e a desigualdade vivida por muitos trabalhadores na cidade, silenciam alguns sujeitos e apagam memórias divergentes que possibilitariam construir outras histórias, as quais eu mesmo havia vivenciado por muitos anos como trabalhador e morador desta cidade.

Entre estes acervos, me deparei também com o que fora organizado com o material da Associação de Moradores do bairro Bom Jesus. O acervo traz uma série de documentos registrados pela associação (jornais, fotografias, correspondências, documentos da prefeitura, panfletos e atas de suas reuniões), o que me possibilitou ter uma interpretação de como alguns moradores do bairro, mais diretamente ligados a ela, pensavam suas estratégias para se colocarem frente ao poder público e aos grupos econômicos que disputavam os lugares do bairro.

E foi justamente a ação política registrada nos documentos da Associação de Moradores do bairro Bom Jesus que me deu a escolha do tema e me levou à construção das primeiras entrevistas²¹. Num primeiro momento, esta documentação me apontava para uma intensa mobilização e “organização” de moradores na cidade de Uberlândia, que, unidos sob um determinado objetivo, questionavam o poder público, lutando por modificações no bairro em que viviam. Estas primeiras evidências me levaram às entrevistas. Wilma Ferreira de Jesus foi a primeira diretora da associação e responsável pelos primeiros registros em ata das reuniões, ela teve sua formação política ligada às comunidades eclesiais de base e depois militando no Partido dos Trabalhadores. Atualmente, ela é assessora do deputado federal Gilmar Machado, representante de Minas Gerais na bancada.

Dona Maria Aparecida Rosa também participou das reuniões no salão paroquial da Igreja, mas nunca dirigiu a associação. Sua entrevista foi muito significativa na construção de algumas interpretações sobre a relação da igreja com outras instituições que dialogavam com os moradores.

O senhor Iverso Miranda também dirigiu a associação e, por não residir mais no bairro, trouxe outros significados tanto para o processo que vivenciou, como para o bairro hoje. O distanciamento entre estas entrevistas selecionadas e outras que utilizamos acompanha um pouco o movimento da lógica histórica neste trabalho, na

²¹ Wilma Ferreira de Jesus. Entrevista realizada em 20 de janeiro de 2003; Maria Aparecida Rosa. Entrevista realizada em 17 de março de 2003; Iverso Rodrigues Miranda. Entrevista realizada em 06 de junho de 2003.

medida em que são construídas a partir de questões que a prática de pesquisa e as evidências do social foram me colocando. Por isso também mantive as entrevistas de 2003, para dar o movimento da pesquisa ao texto. O perfil destes sujeitos apresenta um campo de forças que estiveram disputando a cidade neste processo de muitas intervenções. Trazer as primeiras entrevistas nesta parte do texto não significa separar estes sujeitos de outros, ou construir temáticas isoladas que amarram a reflexão, mas sim mostrar como as diferentes práticas sociais e maneiras de viver e disputar a cidade constroem as muitas memórias que vão compondo o meu enredo de trabalho.

No momento em que ouvia estes moradores, a minha preocupação centrava na idéia de movimentos sociais e participação política, que aparece como uma das muitas formas de intervenção na construção dos espaços na cidade. Trabalhava aqui o conceito de cultura numa análise sobre como as pessoas se envolviam nestes movimentos populares e como tratavam as suas experiências no seu interior. A preocupação em torno dos sujeitos estava em entender como maneiras particulares de vida se interagiam no processo de luta²², o que dava a este conceito uma noção ainda muito próxima ao indivíduo.

Outro agente produtor de memórias que manuseei neste trabalho foi o jornal Correio de Uberlândia. O diretor proprietário deste veículo na década de oitenta, Sérgio Martinelli, mantinha uma coluna chamada “mini news”, através da qual pude perceber quem são os seus interlocutores, em sua maioria homens e mulheres que tinham lugar na Associação Comercial Industrial de Uberlândia, no Sindicato Rural, no Rotary Clube, no Lions Clube, na CTBC, na Fundação Maçônica, comandantes do 36º Batalhão de Infantaria Motorizada, além de sócios do Praia Clube e pessoas ligadas à TV Triângulo e à TV Paranaíba, nas quais o diretor apresentava um programa de entrevistas.

Em outro momento, a jornalista Gleide Corrêa constrói uma história para este veículo, que traz os grupos que detiveram o controle da palavra impressa em suas folhas:

²² Cf. SILVA JR., Renato Jales. Cidade, cultura e movimentos sociais: a mobilização dos moradores do Bairro Bom Jesus em Uberlândia (1982-1990). Monografia – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2003.

O produtor rural Osório José Junqueira vindo de Ribeirão Preto começa, em 1938 a publicar o Jornal Correio de Uberlândia. No início a periodicidade era irregular, ocasionado pelas dificuldades inerentes à implantação do novo negócio. Junqueira já possuía outros veículos de comunicação inclusive o Correio do Oeste de Ribeirão Preto no estado de São Paulo. Osório Junqueira era dono de outros sete jornais e vinha em Uberlândia apenas duas vezes por semana. Quem tomava conta do jornal era seu filho, Luiz Néson Junqueira. Na época da fundação Abelardo Teixeira era o redator-chefe. José Osório vendeu o jornal na década de 1940 para um grupo de cotistas ligados à UDN – União Democrática Nacional –, entre eles: João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia. Em 1952, assume a direção do periódico Valdir Melgaço Barbosa, vereador e depois deputado estadual pela UDN e, mais tarde, Arena – Aliança Renovadora Nacional. (...) Neste período o jornal circulava de terça a sábado com 8 páginas e posteriormente com 12. As máquinas linotipo foram reformadas e uma clichéria nova foi adquirida. Finalmente em 1986 o grupo Algar, por meio da Sabe - Serviços de Informações, assumiu o controle acionário do jornal e o mantém até os dias atuais (2003)²³.

Muitos destes nomes estão na memória hegemônica da cidade, nos monumentos oficiais, em ruas e avenidas reformadas na concepção dos grupos dirigentes da cidade. Estas alianças, que em um primeiro momento se deram entre sujeitos ligados à União Democrática Nacional para construir um meio de disputar a cidade com outros grupos, ganham outros contornos a partir da compra pelo grupo empresarial Algar, hoje um dos maiores grupos de comunicação da cidade²⁴. Através das linhas editoriais e da forma como foi sendo construído seu noticiário, o grupo demonstrava seus pactos com políticos da cidade, governadores e deputados que afinavam com seus projetos.

Os pactos construídos entre estes grupos tiveram um papel muito importante na materialização de uma forma de conceber a cidade e, posteriormente, na produção social e divulgação dessa perspectiva. Ele transmitia uma imagem que, além de homogênea, buscava se sedimentar em adjetivos como cidade sem crises, metrópole do cerrado ou cidade jardim. Na tentativa de cumprir este papel, o veículo não só buscava transformar em verdade absoluta aquilo que noticiava, como também tentava excluir trabalhadores que não se encaixavam no perfil que construíam em conjunto com os membros das instituições acima citadas. Foi assim com os trabalhadores do bairro Bom Jesus no

²³ História. 65 anos de jornal Correio. Disponível em: <<http://www.jornalcorreio.com.br>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2006.

²⁴ Possuem uma empresa de telefonia CTBC (Companhia Telefônica Brasil Central) que opera linhas fixas e celulares, possuem empresas de propaganda (ABC propaganda), atual também na área de informática, sendo proprietárias de um provedor, além de alianças com empresas de televisão e rádio na cidade.

tempo das Tabocas. Em contraposição aos desbravadores, aos empreendedores, estes sujeitos moradores eram vistos como vadios, cachaceiros, e as mulheres, como magrelas e esqueléticas, cujos filhos eram moleques sem educação.

Partindo da análise da composição social do jornal e dos grupos para quem este jornal falava em muitos momentos, além das leituras e dos debates promovidos nas disciplinas do mestrado, entendi que as imagens construídas sobre a cidade nestes veículos não eram versões exclusivas de uma cultura letrada – na figura dos seus editores e jornalistas –, mas sim de uma luta constante destas diferentes memórias produzidas por construir outras histórias.

Mais do que construir alguns significados para a cidade e para alguns grupos de moradores dela, o jornal Correio de Uberlândia tentou (e ainda se mantém nessa tarefa) fazer de sua versão a de todos. O contato com o jornal foi importante para perceber as suas estratégias para compor suas memórias sobre a cidade e as formas utilizadas para instituir estas memórias como história. Não queremos, aqui, contrapor memórias como se estas fossem produzidas de forma isolada. Como produtor de uma memória e detentor de meios de perpetuação pelo domínio de alguns meios, o jornal se torna um veículo para entendermos formas de dominação e consolidação de memórias hegemônicas, bem como da construção de outras que tensionam, que colocam valores em disputa e põem vida na cidade.

Laura Antunes Maciel foi uma leitura importante para pensarmos procedimentos que nos ajudassem a entender esse movimento vivo do social quando nos chama a atenção para a importância de se pensar a imprensa e a memória não como espaços pré-fixados, mas como lugares sociais de disputas:

O ponto central de nossas reflexões passa por uma atenção às disputas e lutas que marcam a produção social da memória, considerando a imprensa um dos lugares privilegiados para a construção de sentidos para o presente e uma das práticas de memorização do acontecer social.²⁵

²⁵ MACIEL, Laura Antunes. “Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In.: FENELON, Déa Ribeiro, et. al (orgs.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olhos d’água, 2004, p. 15.

Este jornal e os seus profissionais estiveram ao lado dos grupos econômicos dominantes da cidade. Os sentidos produzidos pelo jornal estiveram em sintonia com grupos determinados,

Confiando que o povo vai reconhecer a magnífica administração Virgílio Galassi e que Uberlândia, mais uma vez, vai dar mostras de que o partido da situação deverá ser majoritário no pleito deste ano, o PDS local acredita numa vitória maiúscula de seus candidatos, pois, pelos bons serviços prestados até aqui, pelos políticos que estão integrando a sigla do governo, é de se crer que a oposição mais uma vez vai soprar, mas não o vento do deserto, devendo ser, diante dos eleitores esclarecidos, uma pequena brisa na embarcação vitoriosa do Partido Democrático Social. A situação está confiante e tem certeza de que não haverá decepção, uma vez que colocar a oposição no poder, será abrir uma lacuna na vida administrativa da cidade e por em dúvida, a seqüência da intocável e expressiva administração Virgílio Galassi.²⁶

As alianças expressas neste editorial do início dos anos 1980 mostram os pactos construídos e a tentativa de fazer destes grupos a opção de todos. Há uma diferença quando este jornal fala para o seu grupo privilegiado e quando imagina estar falando para a população de forma geral. Essa diferença é sentida no uso da linguagem. A linguagem não é uma simples organização de palavras para traduzir um enunciado²⁷. Na perspectiva que trabalhamos, ela é pensada enquanto espaço de disputas, de tensões sociais, e como prática concreta que realiza tarefas de dominação e de poder, ainda que apareça como um dado natural e neutro da vida social²⁸.

Nesse sentido, percebemos a tentativa de se colocarem do mesmo lado desse abstrato povo. Imprensa e povo constituem a turma de cá. Os que reclamam e falam mal do governo constituem a turma de lá. Outro dado importante desta notícia são os termos usados para dar significado aos grupos que estão tentando compor: patriotismo, trabalho e nação, valores universais que, trabalhados pelo jornalista, passam a compor o elo que liga a opinião pública aos grupos específicos parceiros do jornal na futura candidatura do PDS.

²⁶ Política. Jornal Correio de Uberlândia, 08 de Janeiro de 1982, p. 01 (grifo nosso).

²⁷ Uma importante discussão sobre a função política da linguagem encontramos em: WILLIAMS, Raymond. "Introdução". In.: Cultura e sociedade, 1780-1950. São Paulo: Editora Nacional, 1969, p. 15-21.

²⁸ MACIEL, Laura Antunes. "Cultura e tecnologia: a constituição do serviço de telégrafo no Brasil. In.: Revista Brasileira de História. ANPUH/Marco Zero, vol. 21, nº 41, p. 129.

Por outro lado, o contato com demais fontes, como a da Associação de Moradores do bairro Bom Jesus e a do Centro de Memória Popular, me trazia outros registros que colocavam a presença e as reivindicações de outros sujeitos. No caso específico do bairro Bom Jesus, moradores que tinham olhares divergentes e que lutavam para questionar os projetos de reformas nos lugares do bairro, neste processo, respondiam e tencionavam as versões que lhes taxavam como pedaços podres da cidade.

Foi muito interessante olhar a documentação da associação e ver que ali os responsáveis pela seleção do material recortaram e “guardaram” várias reportagens desse veículo e de outros²⁹. A forma como selecionaram os registros da imprensa mostrou-nos como o processo social é complexo e como as lutas do social ganham contornos interessantes. Os registros da imprensa que em um dado momento poderiam ser expressões de projetos hegemônicos serviram também de recorte para dar suporte às reivindicações e de material de divulgação para o grupo que estava à frente da associação. Estes outros usos das matérias dos jornais vinculados aos sentidos dos sujeitos demonstraram a complexidade das disputas do social. Produções que, ao irem para o papel, têm uma intenção e foram apropriadas por outros grupos e utilizadas como meio de reivindicar e lutar.

Essa documentação da associação de moradores e, posteriormente, da imprensa apontava para a década de 1980 como um momento de tensões, vindo de vários setores da população. Isso ocorreu num embate direto com o projeto hegemônico posto em prática na cidade, que atentava para diversas mudanças nas áreas centrais³⁰ para benefício de uma parcela pequena da população em nome de um desenvolvimento particularizado.

A partir destas primeiras evidências, foram construídos alguns marcos. A década de 1980 aparecia como um momento atípico³¹ nas discussões sobre os projetos para a

²⁹ Entre estas: Zaire recebe documentos pela retirada dos trilhos e terminais de petróleo, Correio de Uberlândia, 27 de setembro de 1984; Zaire recebe documento com 8.293 assinaturas, Primeira Hora, 27 de setembro de 1984; Atlantic será a primeira a deixar o centro da cidade, Primeira Hora, 05 de outubro de 1984; CNP autoriza transferência de companhias e trilhos poderão ser arrancados, O Triângulo, 12 de fevereiro de 1985; Trilhos da Monsenhor Eduardo serão desativados brevemente, Correio de Uberlândia, 18 de junho de 1986.

³⁰ Cf. CALVO, Célia Rocha, 2001; MORAIS, Sérgio Paulo. Trabalho e cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2002.

³¹ Para E. P. Thompson, geralmente, um modo de descobrir normas surdas é examinar um episódio ou uma situação atípicos. Um motim ilumina as normas dos anos de tranquilidade, e uma repentina quebra de deferência nos permite entender melhor os hábitos de consideração que foram quebrados. Cf.

cidade de Uberlândia. As evidências apontavam para um tempo de maior intervenção dos moradores na constituição das políticas urbanas³².

A mobilização que me chamou a atenção para este bairro foi promovida pelos moradores para que fossem retirados os terminais de combustíveis das empresas Atlantic, Esso e Texaco e os trilhos de ferro da Ferrovia Paulista S/A. Essa mobilização teve início em 1983 com a criação da Comissão de Moradores, que ganhou força e trabalhou durante os anos 1984 e 1985, organizando atos públicos, abaixo-assinados, visitas à Câmara, reuniões com empresários e o prefeito, a fim de que fosse firmado um compromisso para as devidas retiradas.

Todo esse processo vai levar à reconfiguração física do bairro, com a retirada dos trilhos, e à reurbanização da sua avenida central, a Monsenhor Eduardo. A partir deste roteiro inicial, passei a procurar os moradores para ouvi-los.

A questão central do diálogo era entender como os moradores interpretavam o conjunto de reformas promovidas pelo poder público no bairro. Encontrei, nas narrativas, outros referenciais de mudança no viver urbano. A maioria destas entrevistas apontava para uma cidade vivenciada nos anos 1960 e 1970 e para aquela percebida hoje, evidentemente que no movimento do presente para o passado, mas o que aparecia de novidade era o tempo da mogiana. Para uns, a cidade da Mogiana; para outros, a cidade da tranquilidade, dos passeios noturnos, das músicas nos bares, do cinema, da segurança construída na confiabilidade, do tempo em que se sentavam à porta para conversar. Portanto, o sentido das transformações era outro.

A estação da Mogiana foi derrubada em 1970. Esta estação aparece como marco em muitas narrativas ouvidas neste trabalho, acredito que, como coloca Célia Rocha Calvo, puseram no chão muito mais do que um amontoado de cimento e pedra, mas uma cidade³³, que aparece nestes enredos em valores que ainda estão sendo colocados em disputa.

THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 238.

³² Podemos perceber essa intervenção na quantidade de atos públicos promovidos em alguns bairros da cidade e mesmo na quantidade de abaixo-assinados recebidos pelo prefeito através da Câmara Municipal. Entre esses atos estão a mobilização dos moradores do bairro Bom Jesus pela retirada dos trilhos de ferro; a mobilização dos moradores do bairro Tibery pela retirada das máquinas beneficiadoras de arroz; a mobilização no bairro Alvorada; e a discussão de emendas populares para a Assembléia Constituinte.

³³ CALVO, 2001, p. 212.

O primeiro passo na compreensão destas narrativas foi entender as funções do tempo na história oral³⁴. Com a leitura do texto de Portelli, entendemos melhor o trabalho da memória, primeiro ao perceber que o momento da vida em que a estória é contada é um fator crucial na sua moldagem³⁵ e, segundo, ao ler estes enredos e ter o presente como referencial nos sentidos atribuídos ao passado naquilo que Portelli chama de movimento de lançadeira.

O caminho destas histórias estava em temas que davam sentidos em suas vidas. O ir e vir no tempo tem como função relacionar as experiências que ajudam na construção destes sentidos. Estes enredos me fizeram repensar alguns supostos e tentar romper com uma perspectiva positivista, cronológica e objetiva, além de questionar o sentido das mudanças nos modos de viver no bairro Bom Jesus e na cidade de Uberlândia.

Nesse contexto, as fontes orais deram importantes contribuições nas interpretações aqui construídas. Não que estas tenham a função de confirmação do que a escrita nos diz ou mesmo o contrário, da negação, mas pela importância de sua utilização na sua origem — as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida³⁶ —, e no seu conteúdo — a vida diária e a cultura material dessas pessoas e grupos³⁷.

A seleção dos moradores foi construída para que fosse possível entender a forma como vivenciaram as reformas urbanas e que significados davam a elas na sua experiência. Nesta perspectiva, entrevistei também pessoas que não moram mais na região. Não fiz esta opção numa busca pelo distanciamento, mas sim para entender outros sentidos dados às mudanças sofridas neste lugar específico e, ainda, para compreender de que maneira essas diferentes lembranças compõem outros sentidos e significados para os espaços transformados.

Quando entrevistei estes moradores e li o enredo construído nas narrativas, entendi que no diálogo que construíram comigo estavam também as versões oficializadas da memória. Versões estas que estão postas nos referenciais do poder, no noticiário da

³⁴ PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida – funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro, et. al (orgs.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olhos d'água, 2004.

³⁵ Ibidem, p. 298.

³⁶ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: Revista Projeto História, PUC/SP, São Paulo: EDUC, n. 14, 1997, p. 26.

³⁷ Ibidem, p. 27.

imprensa, na edificação das grandes obras e na constituição do patrimônio como memória. Essa leitura foi importante para perceber que não existe uma memória pura, mas sim elaborações trazidas das relações construídas nos vários momentos e significadas por estes entrevistados no encontro com o historiador.

Nesse sentido, quando construímos uma problemática sobre a cidade, nos debruçamos sobre as fontes e construímos nossa interpretação adotando uma perspectiva de pensar um texto que dialogue com muitas memórias. Ao trazermos, principalmente, aquelas enterradas pela memória hegemônica, acabamos por participar de uma produção social da memória³⁸. Entendemos que esta produção não é linear e nem global, pelo contrário, é fruto de muitas disputas justamente por compor uma das muitas esferas do social. Esta participação não se dá apenas como lembrança de fatos, mas também como construção de significados para o que estamos vivendo, com as leituras do social que os entrevistados fizeram naquele momento e o que projetavam para o futuro.

Este foi um momento importante, que me ajudou a ter maior clareza da opção teórica e metodológica que eu queria percorrer na academia, da linha que me ajudaria a entender melhor as questões que me angustiavam. Partiam dessa pesquisa os primeiros contatos com E. P. Thompson, Raymond Williams, Richard Hoggart, Eric Hobsbawn, Alessandro Portelli, Yara Aun Khoury, Déa Ribeiro Fenelon, entre outros, com os quais tomaremos o cuidado de dialogar com mais detalhes ao longo do texto.

Nesse sentido, passo a trabalhar a cidade de Uberlândia buscando as memórias dos moradores do bairro Bom Jesus e compreendendo como eles compõem os sentidos de suas experiências, ora disputando, ora construindo pactos com outros sujeitos dos processos vivenciados. Nesse caminho, busco refletir os espaços desta cidade na expressão das temporalidades de memórias compostas como lembranças sobre as relações vividas e como estas representam as marcas desses significados, deixados como projeções e mudanças no seu jeito de viver e disputar a cidade.³⁹

Na busca por esta experiência, diferentes fontes foram encontradas e produzidas. Além das fontes produzidas pelo jornal Correio de Uberlândia e a Associação de Moradores, as quais já mencionei, trabalhei com atas da Câmara de Vereadores e

³⁸ Esta discussão é apresentada, de forma muito rica, em: GRUPO DE MEMÓRIA POPULAR. Memória popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro, et al (orgs.). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olhos d'água, 2004.

³⁹ CALVO, 2001, p. 10.

correspondências recebidas pela prefeitura. Dentre as fontes produzidas, estão as entrevistas e fotografias feitas no interior do bairro.

No trabalho com estes documentos de natureza e lugar social muito diferentes, busquei, na inspiração da reflexão de Yara Aun Khoury, um olhar que demande maior atenção e sensibilidade às múltiplas forças que atuam no fazer-se diário da história, às múltiplas expressões e linguagens por meio das quais ela se forja e, acima de tudo, à questão do sujeito na história⁴⁰. Não se trata do fato de se ter fontes de diferentes agentes produtores, mas sim da concepção de história que pretendo colocar em movimento nesta interpretação aqui construída. Trata-se de uma concepção de pensar um texto no qual estabelecemos um diálogo com os sujeitos e sempre dentro da perspectiva de construir um conhecimento histórico que incorpore toda experiência humana e no qual todos possam se reconhecer como sujeitos sociais⁴¹.

Trabalhar nesta concepção não significa uma história de todos ou uma história para todos, porque fazemos a leitura desta diversidade para, juntamente com os sujeitos aqui escolhidos, disputar estas histórias hegemônicas sobre Uberlândia, saber como são produzidas determinadas memórias e como elas se instituem como história, no singular. Busco também entender estas fontes como produto de linguagens culturais que revelam a cidade nas suas complexas teias de relações sociais. Na luta pelo direito à cidade, os moradores do bairro Bom Jesus criam instrumentos não só de assimilação como também de resistência e ressignificação do hegemônico. É na busca por entender estas batalhas e a complexa rede de produção de sentidos sobre o viver na cidade que a diferença ganha relevância.

A minha perspectiva aqui é colocar a cidade em movimento nestas muitas histórias construídas na experiência social, partindo de uma versão que parece simples, mas que ainda se reproduz nas disputas políticas na cidade.

Portanto, as interpretações dos moradores me ajudaram a construir esse diálogo com outras interpretações, com a memória oficializada pelo poder e com os trabalhos construídos no debate acadêmico. A partir destes enredos, problematizo a construção destas imagens sobre a cidade na perspectiva de seus moradores: uma cidade recomposta nas suas memórias e narrada em encontros do pesquisador com moradores do bairro Bom Jesus, ocorridos em 2003, 2004 e 2005.

⁴⁰ KHOURY, 2004, p. 122.

⁴¹ Ibidem, p. 128.

Moradores estes como o senhor Fernando Naves, que esteve até 2005 na Avenida Ivaldo Alves do Nascimento, no interior do bairro Bom Jesus, a duas quadras da Monsenhor Eduardo. Este morador é um freqüentador assíduo de vários cursos e espaços da UFU, mesmo sem ser matriculado em nenhum, é conhecido como professor de redação e costuma colaborar com correções gramaticais para universitários com dificuldades financeiras. O senhor Fernando aparece na pesquisa em meio às típicas conversas nos corredores e bancos da universidade. Ele se apresentou como um morador e como alguém que vivenciou de muito perto a reurbanização do bairro com a retirada dos trilhos e a reconstrução da avenida, participando da coordenação dos trabalhos na associação de moradores. Além de conceder esta entrevista, ele serviu de contato para conversa com outros moradores do lugar.

Foram ouvidos também moradores como o senhor José dos Santos⁴², que reside na Rua Buriti Alegre. Conheci este senhor no momento em que buscava conversar com antigos moradores do bairro para entender como algumas mudanças físicas da cidade levaram a mudar modos de vida dos trabalhadores, especificamente neste espaço.

Este senhor tem hoje sessenta anos e me foi indicado justamente por ser um morador conhecido em alguns circuitos específicos de relações e práticas sociais. Além disso, pelo fato de ser violeiro — inclusive é dessa prática que vem seu apelido, Flor do Campo —, como ele mesmo colocou em sua narrativa, moda de viola, a verdadeira música sertaneja né! É isso aí que a gente faiz⁴³.

Morador de uma casa alugada, próxima à Igreja Bom Jesus, este violeiro é também, dono de um bar localizado na mesma quadra. A sua entrevista foi realizada na sala de visitas onde mantinha fotos da família, dos filhos e netos e alguns violões expostos.

Os trabalhos produzidos na historiografia que envolve o tema também me ajudaram muito nesse debate e no diálogo com estes sujeitos. Não é intenção aqui fazer uma revisão historiográfica sobre o tema nos moldes de avanços e retrocessos, mas sim olhar esta produção como práticas sociais que se inserem na disputa pela construção de outras memórias que visam novas interpretações com uma perspectiva política de intervenção e transformação. Tomarei o cuidado de dialogar com estas pesquisas de forma pormenorizada para não incorrer no erro de também homogeneizá-las.

⁴² José dos Santos, entrevista realizada em 13 de março de 2005.

⁴³ Idem.

Este olhar à dissertação de mestrado de Sérgio Paulo Morais ajudou-me, em um primeiro momento, a desconfiar do caráter desenvolvimentista desta cidade, como algo inerente a ela ou condição metafísica adquirida inexplicavelmente⁴⁴. Ao trabalhar com um tema que envolve cidade e trabalho, Morais possibilitou-me a entender a constituição de sujeitos ativos no processo de transformações da cidade de Uberlândia. Ao construir o debate com trabalhadores que utilizam de carroça, o autor apresenta práticas talhadas nos embates vivenciados no dia-a-dia do viver urbano. Mais do que isso, este trabalho contribui ao levantar questionamentos sobre termos como crescimento e desenvolvimento, consagrados na versão hegemônica e, muitas vezes, usados sem a devida atenção para o posicionamento político que carregam.

Outro trabalho importante no debate aqui proposto é a dissertação de Rosângela M. Silva Petuba⁴⁵ que, a partir da luta dos trabalhadores ocupantes de terra, interpreta um processo mais amplo de constituição da cidade e/ou da luta pelo direito a ela. É neste processo de luta pelo pertencimento que a autora traz a cidade constituída na experiência dos seus moradores. Partindo de um aspecto específico — a luta pela posse da terra urbana —, a historiadora contribui ao mostrar uma cidade construída a partir da trajetória destes moradores, suas estratégias de sobrevivência, dificuldades com a moradia e projetos de vida.

O trabalho de Luiz Carlos do Carmo⁴⁶ também contribuiu significativamente para a pesquisa por ser um trabalho de análise de ofícios de trabalhadores negros na cidade de Uberlândia no tempo da Mogiana. Essas funções de preto, como o autor as caracteriza, foram exercidas por alguns dos sujeitos ouvidos no meu trabalho, que, em sua maioria, residiam no bairro Bom Jesus quando este ainda era conhecido como Vila das Tabocas. Do Carmo constrói o ambiente e o modo como estes sujeitos viviam neste lugar entre os anos de 1945 e 1960 e mostra que estes trabalhadores negros procuraram meios de suprir as necessidades do seu modo de ser, de construir espaços de trabalho que lhes permitissem escapar da condição de perpetuação da miséria⁴⁷.

⁴⁴ MORAIS, 2002. p. 10.

⁴⁵ PETUBA, Rosângela M.ª Silva. Pelo direito à cidade: Experiência e Luta dos Trabalhadores Ocupantes de Terra do Bairro Dom Almir – Uberlândia (1990–2000). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

⁴⁶ CARMO, Luiz Carlos do. “Função de preto”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945–1960. Dissertação (Mestrado em História Social). – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

⁴⁷ Ibid., p. 69.

A dissertação da historiadora Sheille S. de Freitas Batista trouxe-nos outras contribuições. Em seu estudo, ela discute as estratégias de sobrevivência criadas pelos moradores do bairro Vila Marielza, em Uberlândia, e mostra que a luta por pertencimento à cidade é constituída nestas mesmas estratégias, construída nos modos de viver na cidade. Este pertencer para alguns está na moradia e trabalho, e para outros, no ter acesso à educação, assistência médica, água e energia elétrica. Mas, de qualquer forma, pertencer reflete alcançar a dignidade almejada e elaborada durante suas vidas⁴⁸.

Já a tese de doutorado de Célia Rocha Calvo⁴⁹ trouxe outras contribuições específicas ao debate sobre a constituição da cidade como categoria da prática social constituída na cultura dos seus habitantes. Vem da leitura desse trabalho a inspiração para trabalhar a cidade de Uberlândia nas imagens referendadas na memória e na história de seus habitantes⁵⁰. Uberlândia surge, então, como “lugar simbólico” da memória em disputa, cabendo a nós compreendermos esta cidade, buscando os marcos dos sujeitos silenciados na memória oficializada pelo poder.

Outros trabalhos que não tinham como foco a cidade de Uberlândia também deram substanciais contribuições para responder a algumas das minhas questões. A tese da historiadora Lúcia Helena Pereira da Silva ajudou-me muito a entender a noção de território como expressão da singularidade materializada pelos agentes sociais e, além disso, que a materialidade descortinada não está isenta de intencionalidade só porque é da esfera física, principalmente porque sua produção é política por excelência⁵¹. O modo como as pessoas vivem determinadas relações e mudanças na cidade deixa marcas que são produzidas em meio a uma disputa de valores⁵² sobre os espaços vivenciados.

Acredito também que o tão aclamado debate interdisciplinar pode ajudar muito na compreensão das questões colocadas no trabalho do historiador. Esse debate não está ligado somente ao tema, mas, fundamentalmente, ao olhar político que nos inspira a

⁴⁸ BATISTA, Sheille S. de Freitas. Buscando a cidade e construindo viveres: relações entre campo e cidade. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2002. p. 14.

⁴⁹ CALVO, 2001.

⁵⁰ Ibidem, p. 10.

⁵¹ SILVA, Lúcia Helena Pereira da. Luzes e sombras na cidade: no rastro do Castelo e da Praça Onze (1920–1945). Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002. p. 8.

⁵² ARANTES, Antônio A. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. Obra que também nos inspirou muito nesse olhar.

pensar procedimentos de análise. Alguns trabalhos vindos da literatura, sociologia e antropologia⁵³ também ofereceram importantes contribuições para a perspectiva que assumi neste trabalho. É neste sentido que levantamos aqui as contribuições oferecidas pela literatura de intelectuais como Beatriz Sarlo, Maria Elisa Cevasco e Stuart Hall. A leitura do texto do antropólogo Antônio A. Arantes⁵⁴ ajudou-me a problematizar o sentimento de pertencimento construído pelos entrevistados quando falavam do lugar, não como configuração física, mas nos modos como atribuíam significados às suas vivências. Ainda no campo da sociologia o trabalho de Rogério Proença Leite⁵⁵ que, ao falar das atuais políticas de revitalização de determinados espaços da cidade, constrói uma análise muito rica sobre os lugares enquanto espaço de disputas práticas e simbólicas exercidas na experiência cotidiana que subvertem os sentidos esperados pelas reformas, pelas tentativas de impor aos espaços relações mercantis⁵⁶.

Dentre estes debates, busquei me posicionar frente aos estudos sobre o conceito de cultura, entendendo-a como modos de vida que em determinados momentos se transmutam e como modos de luta⁵⁷. A análise centrada nesta categoria vem das necessidades apresentadas pela realidade social e do entendimento de que sendo a cultura um elemento fundamental da organização da sociedade é, portanto, um campo importante na luta para modificar essa organização⁵⁸.

⁵³ Podemos apontar alguns trabalhos relevantes para o debate, como o do antropólogo HOLSTON, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Ao fazer a crítica do projeto urbanístico e arquitetônico da cidade de Brasília, Holston mostra que a cultura, a história e a produção da verdade são domínios entrecortados por relações de poder; idéias, em suma, que relativizam os fundamentos do ‘natural’ e do ‘real’ onde quer que exista a pretensão de apontá-los como tal. Outro trabalho é o do geógrafo Roberto Corrêa, que trabalha com o conceito de espaço urbano como produto social, e nesse sentido fruto de ações humanas, de agentes sociais, que rompe com a idéia de espaço neutro, resultado de um mercado invisível ou espaço organizado, Cf. CORRÊA, Roberto L. *Quem produz o espaço urbano?*. In: *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989. E, por fim, o trabalho do sociólogo Rogério Proença Leite, que contribuiu de forma significativa no debate acerca dos “lugares” e a apropriação política dos espaços. Cf. LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade – lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Aracajú/SE: Editora da UFS, 2004.

⁵⁴ ARANTES, A. Antônio. *Paisagens paulistanas – transformações do espaço público*. Campinas/SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

⁵⁵ LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade – lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Aracajú/SE: Editora da UFS, 2004.

⁵⁶ Idem, p. 284.

⁵⁷ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979; THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003; e HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*. Portugal: Editorial Presença, 1973.

⁵⁸ CEVACO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 111.

Trata-se de perceber valores — construídos por homens e mulheres na produção da vida diária — que apontavam para outras funções aos lugares em disputa. E, além disso, trata-se de ver como os momentos de reforma e mudanças podem produzir questionamentos e disputar a hegemonia das grandes linhas culturais, para questionar a legitimidade de sua imposição, embora talvez nunca chegue a completar essa batalha simbólica⁵⁹.

Acredito que o movimento apresentado nas narrativas conta com essa batalha não como resistência pura, mas como ressignificação dos valores e construção de outros num constante movimento dialético de construção/resistência da hegemonia. Ao discutir o partidarismo na arte, Beatriz Sarlo nos coloca a importância do debate que travamos na sociedade, apresentando análises e perspectivas que apontam para um olhar que busque a ruptura e a vontade de projeção⁶⁰ e, assim, deixamos claro os compromissos e os pactos assumidos na reflexão. Estes são temas caros para o trabalho, temas que compõem um esforço coletivo para trazer à tona memórias silenciadas nestas construções hegemônicas e para entender a cidade como espaço da diferença.

O lugar, chamado hoje de Bom Jesus, está localizado próximo à região central da cidade e foi alvo de constantes reformas urbanas em tempos históricos diferenciados. Esta localização também é uma problemática no texto, porque guarda, para os moradores dali, marcas de lutas por permanecer na cidade. Essa discussão será tratada ao longo do primeiro capítulo.

Para compreender esta produção conjunta, dividi o trabalho em dois capítulos. No primeiro, Uberlândia cresceu junto comigo, eu cresci junto com Uberlândia, busco interpretar os sentidos construídos em torno dos significados das mudanças empreendidas na cidade de Uberlândia e compreendidas nesta noção do crescimento. Procuro entender este processo no diálogo com os moradores do Bairro Bom Jesus. Nesse caminho, foi possível perceber como estes sujeitos fazem a cidade ao mesmo tempo em que se fazem nela. Para este entendimento, ouvi alguns moradores do bairro e trabalhei com alguns mapas que interpretavam as mudanças físicas da cidade, mas nomeando e privilegiando determinados espaços. Ainda neste capítulo, interpreto as reformas promovidas na cidade durante as décadas de 1960 e 1970, nos significados

⁵⁹ SARLO, Beatriz. Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 60.

⁶⁰ Ibidem, p. 55.

construídos pelos sujeitos para o lugar onde moram. No caso específico do Bom Jesus, busco entender como os moradores vivenciam a experiência de morar em uma vila nos anos 1960, vistos pela imprensa como elementos exógenos à cidade. Além disso, procuro trabalhar os significados que dão hoje à experiência de morarem em um lugar considerado região central. Em linhas gerais, busco compreender a idéia de crescimento urbano dialogando com os sujeitos deste pedaço da cidade.

No segundo capítulo, Moramos numa ilha chamada Bom Jesus, algumas histórias sobre a Avenida Monsenhor Eduardo, faço uma reflexão sobre os significados da reconstrução da avenida Monsenhor Eduardo na vida destes sujeitos. Procuro aqui entender os projetos colocados em disputa no momento em que retiram os trilhos que ali existiam e iniciam o processo de reurbanização do local. Através das entrevistas, dos documentos da associação de moradores e de algumas fotos por mim registradas, interpreto as disputas abertas entre engenheiros e empresários ligados ao poder público e os moradores do bairro para traçarem e recriarem o lugar através de valores específicos destes grupos. Os primeiros tentando dar continuidade aos projetos relacionados à cidade nos anos 1970, na lógica do mercado que buscava favorecer o trânsito de mercadorias e privilegiar os automóveis que nelas circulavam. E, em contrapartida, os moradores privilegiando o que chamavam de segurança e lazer, atividades que carregavam uma gama de valores que não estavam limitados ao uso da avenida, mas tencionavam os caminhos projetados para a cidade de Uberlândia.

Pautado no entendimento de que a produção desta memória é coletiva, porém de uma força desigual, que a memória dominante é produzida no transcorrer dessas lutas e sempre está exposta à contestação e que, enfim, escrever é sempre alinhar-se⁶¹, quero finalizar esta primeira conversa reafirmando o compromisso de reunirmos todos os esforços intelectuais para construirmos um trabalho no qual nossos sujeitos possam se reconhecer. E, além disso, para que possamos apontar para uma crítica sistemática dos valores liberais de mercado que nos aproxime do objetivo trabalhado por muitos e transcrito pelo historiador Josep Fontana, o de supressão de todas as formas de exploração do homem: de uma sociedade igualitária, na qual se tenha eliminado toda coerção⁶².

⁶¹ CEVASCO, Maria Elisa. Para ler Raymond Williams. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 21.

⁶² FONTANA, Josep. História: análise do passado e projeto social. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998. p. 12.

UM

“Uberlândia cresceu junto comigo, eu cresci junto com Uberlândia.”

A afirmação que abre este trabalho é do senhor José dos Santos⁶³ que, durante toda sua fala, retoma o enredo condensado na frase, o qual expressa um suposto básico deste estudo: os sujeitos fazendo a cidade ao mesmo tempo em que se fazem. Juntamente com este trabalhador, e outros ouvidos durante a pesquisa, vou ao longo deste texto discutir as relações sociais na cidade de Uberlândia nos últimos quarenta anos.

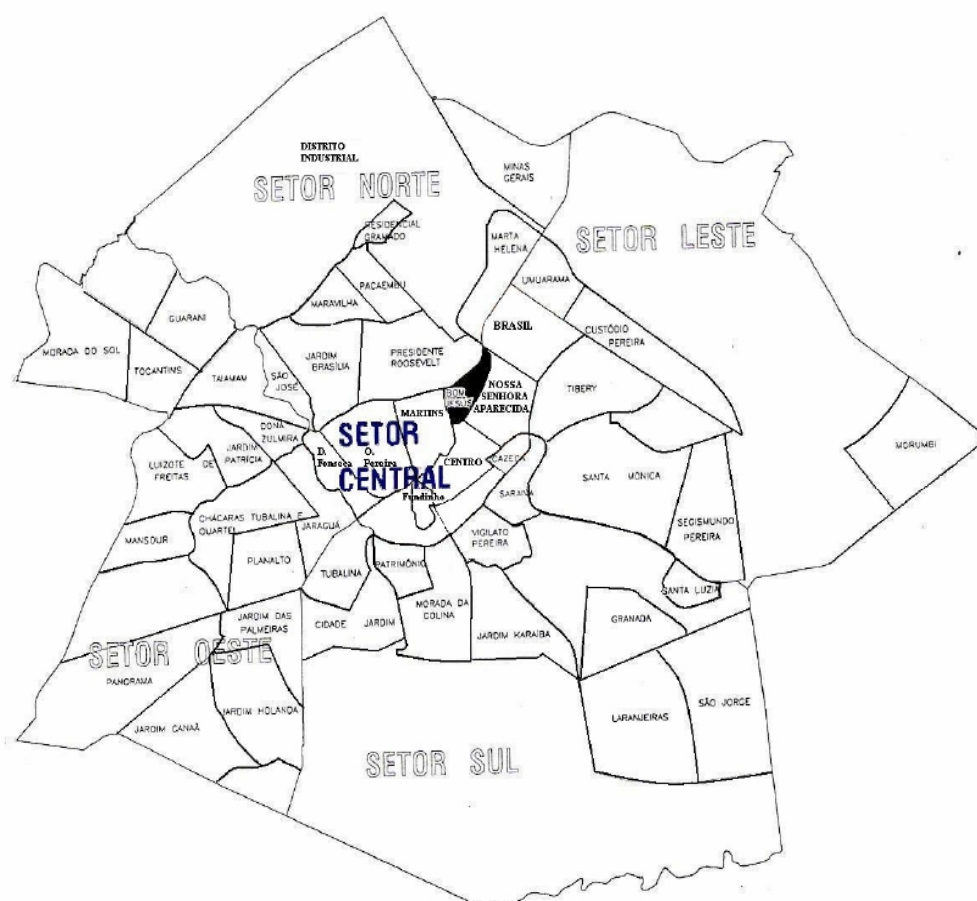
Estes foram tempos de mudança. Tempos que significaram para muitos trabalhadores transformações nos seus modos de viver a/na cidade. Transformações estas experimentadas por alguns como possibilidade de trabalho e por outros como educação para os filhos e luta por equipamentos básicos de infra-estrutura. Mas esta experiência também está no sentimento de exclusão, de violência, e na criminalização dos seus modos de viver no bairro, que trazem nas suas memórias processos de luta para pertencer à cidade, mesmo contra visões que os desqualificavam ou tentavam ilhá-los nos seus territórios de convivência.

É justamente a partir desse processo vivido que, nas próximas linhas, proponho algumas questões. De forma geral, estas questões apontam para os sentidos dados por estes sujeitos, que são mediados por outros com quem se relacionaram para o crescimento da cidade.

Antes, porém, permita-me o leitor falar um pouco sobre a cidade de Uberlândia a partir de alguns referenciais. Para começar esta apresentação, exponho aqui um mapa que nos ajudará a seguir pistas para construir algumas imagens sobre esta cidade:

⁶³ José dos Santos, entrevista março de 2005.

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO BOM JESUS



MAPA 1 – Localização do bairro Bom Jesus em 2001. In: SILVA, Marta Maria da. Reestruturação urbana no bairro Bom Jesus – Uberlândia. Monografia – Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, 2001. Digitalizado pelo autor.

Sabemos que a imagem posta no papel como mapa da cidade não é um mero desenho neutro, mas uma construção, fruto de uma interpretação que carrega um sentido

político e histórico dado ao espaço geográfico da cidade⁶⁴. O mapa acima foi desenhado a partir de uma base cartográfica da Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Uberlândia e foi retirado de um trabalho monográfico de uma ex-moradora e participante da associação de moradores. O seu desenho foi feito com a finalidade de pensar formas de reurbanizar o bairro e valorizá-lo dentro da lógica do mercado imobiliário. Marta Maria da Silva esteve presente nos acontecimentos da década de 1980, ajudou a pensar algumas mudanças que pudessem, na sua concepção, melhorar o lugar onde morava e os transformou em trabalho monográfico.

A monografia foi escrita para o curso de urbanismo e traz não só no desenho, mas na concepção que permeia o seu trabalho, um diálogo muito próximo com os valores hegemônicos difundidos pela cidade que nomeia e dá sentido aos vários territórios. A setorização segue os padrões postos por uma lógica de investimentos e valorização do capital privado e está em sintonia com os saberes dos chamados técnicos que pensam estes lugares a partir do potencial de retorno e acúmulo deste capital, é neste sentido que o bairro Bom Jesus aparece compondo, juntamente com o centro propriamente dito e outros bairros vizinhos um setor central.

Essa noção de lugar não está somente na visão da urbanista e ex-moradora, mas na fala de outros que ouvimos. Porém estar neste setor tem outros significados importantes para os sentidos que muitos construíram para o pertencimento à cidade e para organizar neste tempo presente os seus enredos. Sentimentos que não estão limitados em dizer que moram em um lugar mais ou menos valorizado, mas que dão o sentido às suas trajetórias, seus lugares sociais e, suas vidas neste lugar.

Esse dado é muito significativo para começarmos a pensar o processo de mudanças na cidade de Uberlândia, entendendo que a constituição destes lugares não está na nomeação de ruas, praças ou bairros, mas nas relações sociais vivenciadas e nas experiências trazidas a partir delas. Para os muitos trabalhadores desta cidade e, em especial, os ouvidos neste trabalho, esta divisão tem significados bem diferentes.

Ao refletir sobre a cidade a partir desta construção, fui tentando puxar sentidos para estes diversos setores a partir da minha experiência como morador e trabalhador que transitou por estes lugares sem ter atentado ainda para as localizações e os seus significados históricos e políticos.

⁶⁴ KNAUSS, Paulo. Imagem do espaço, imagem da história. A representação espacial da cidade do Rio de Janeiro. Tempo. v. 2. n. 3. Rio de Janeiro, 1997. p. 135–148.

Moro no bairro Presidente Roosevelt, no setor norte. Neste setor existe um conjunto de bairros que foram criados a partir do final dos anos 1970, alguns com financiamento federal (por meio da Caixa Econômica Federal), outros com dinheiro do Estado (financiado pela Minas Caixa). Esses conjuntos, criado pelo Sistema Nacional de Habitação, constituiu um complexo de bairros destinados aos trabalhadores de Uberlândia, em determinado momento. Nesse amplo território, está ainda, localizado ao fundo, o Distrito Industrial.

Outro setor do mapa geral, que desperta algumas reflexões é o setor leste, que no mapa aparece com uma grande área limpa e com o bairro Morumbi ao fundo. Próximo ao setor central e ao fundo do bairro Umuarama, começa a se desenhar uma região privilegiada dos atualíssimos condomínios fechados, ligados ao aeroporto. O que na minha memória aparecia como lugar deserto, quando na década de 80 íamos ao Clube Tangará — naquele tempo, clube de lazer voltado para trabalhadores —, aparece agora como região de investimento de um outro capital especulativo, não mais voltado para captar os anseios populares de luta pela moradia, mas sim capitalizando o isolamento daqueles que expropriaram o trabalho e agora se fecham no isolamento privado e “protegido”.

Neste mesmo setor, podem ser percebidas outras formas de lutar pela cidade. Embora não “posto” no mapa, na região estão também os bairros Dom Almir, Prosperidade e Joana D’Arc, constituídos por ocupantes de territórios urbanos em uma batalha por permanecer e pertencer a esta cidade, luta que ganha outros contornos nesse momento⁶⁵. Tive uma experiência muito interessante neste setor como um todo, porque no início do ano de 2004 fui professor na Escola Municipal Dr. Joel Cupertino Rodrigues e, no deslocar-me cotidiano, vivenciei de perto a execução desses projetos tão desiguais para a cidade de Uberlândia. Os setores desenhados no mapa não dão conta dessa experiência social complexa.

É em busca dessa experiência social, das formas complexas de constituição dos territórios urbanos, que sairemos do mapa e entraremos no Bairro Bom Jesus. Vamos começar esta história dialogando com o senhor José dos Santos, muito conhecido no bairro como Flor do Campo, seu nome artístico e também o nome do seu bar. O Senhor

⁶⁵ A luta pela posse destas terras pelos moradores ocupantes é analisada em PETUBA, Rosângela M.^a Silva. Pelo direito à cidade: Experiência e Luta dos Trabalhadores Ocupantes de Terra do Bairro Dom Almir – Uberlândia (1990-2000). 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia.

José mora de aluguel na Rua Ivaldo Alves do Nascimento, em uma casa pequena, muito próxima à Igreja Bom Jesus, umas das principais referências para os moradores do bairro. Ele possui um bar na Avenida Marciano de Ávila, onde estão concentrados os principais estabelecimentos comerciais e um lugar de referência na cidade como espaço de violeiros.

O senhor José dos Santos, como a maioria dos moradores que ouvi, veio de outras cidades, neste caso de São Francisco de Oliveira, oeste de Minas Gerais. Ele chegou a Uberlândia na década de 60. Este trabalhador tem uma fala firme que, de certa forma, transparece ao interlocutor uma confiança ao narrar suas experiências na cidade e, principalmente, no bairro em que mora, onde criou os filho tudo.

Ao perguntar para este trabalhador sobre a cidade neste tempo, este nos narra da seguinte forma:

[...] Eu lembro porque eu sou uma pessoa o seguinte, Renato, né? Eu sou uma pessoa o seguinte, Renato, eu tenho a memória muito ruim pra algumas coisa e muito boa pra outras, e eu tenho uma memória pra uma pessoa, assim se eu vê uma pessoa uma ou duas vezes e passá um mês sem vê eu já não conheço mais, mas o que passou comigo na minha infância eu recordo muito bem, por exemplo: Uberlândia cresceu junto comigo, eu cresci junto com Uberlândia! É, eu vim pra cá em 1960, então Uberlândia era pequeninha, aqui tinha dois coletivos, um fazia o bairro Martins e o outro o bairro Operário, entendeu? Então quer dizer um corria o bairro Martins e o outro corria o bairro Operário, não tinha esses bairros em volta, Uberlândia tinha, por exemplo, Roosevelt, Saraiva, Tibery, Tubalina, Patrimônio e mais um ou dois bairros, não tinha esses bairros em volta não. Uberlândia tinha o quê? Uberlândia tava com 60 mil habitantes quando eu vim pra cá...⁶⁶

Uberlândia cresceu e eu cresci! Existe um crescimento na cidade que o senhor José reconhece, que passa inclusive pela nomeação do lugar onde mora, como setor central, porém existe também um crescimento pessoal que faz parte do crescimento da cidade. Podemos refletir um pouco mais sobre estes sentidos de crescimento em outro trecho de sua entrevista:

Eu vim pra cá, eu gostei do bairro, não sei não eu gosto demais do bairro aqui, eu não saio desse bairro de jeito nenhum, eu gosto demais daqui, eu poderia até ganhar um prêmio sozinho na Sena que eu não sairia desse bairro de jeito nenhum, gosto muito daqui, acostumei, meus filhos criou tudo aqui. [...] eu

⁶⁶ José dos Santos, março de 2005. (destaque nosso).

conheço todo mundo aqui, eu olhando a pessoa eu sei quem que é onde mora, sei tudo!⁶⁷

Como podemos pensar esta noção de crescimento pessoal e crescimento urbano sem cairmos na armadilha da meritocracia liberal? No seu crescimento este trabalhador traz a sua trajetória pessoal e nesta mostra como permaneceu, deu condições para que seus filhos estudassem. Não conseguiu sair do aluguel, mas conseguiu ter o seu comércio. Para o senhor José dos Santos, viver e persistir neste local ganhou outro sentido nesse momento. Ficar nesta região, ser reconhecido entre os moradores, ver a cidade crescer e, mais do que isso, ser sujeito desse crescimento, dá a ele o sentido de pertencer. É nessa região que ganhou sua vida, suas amizades, criou e educou seus filhos com a força de seu trabalho.

O senhor José dos Santos tem hoje uma relação totalmente diferente com a cidade. Ao ser perguntado sobre o seu primeiro trabalho, nos traz uma reflexão sobre outras experiências, dos sujeitos que no tempo da chegada na cidade não tinham tantas opções de trabalho:

Entrevistador: Quando o senhor veio pra cá? Como era a sua vida? O senhor já trabalhava com comércio?

José dos Santos: Não, não! Quando eu vim pra cá, os meus meninos eram pequenos, meu caçula tinha três anos e eu trabalhava numa cerealista aqui nessa avenida Floriano Peixoto. Trabalhei muitos anos no Arroz Carrijo, na Cerealista Rana Rana, mexia com sacaria, né? Essas coisas. A mogiana ali embaixo, que a gente falava, não era certo, ali é a mogiana, era aqui onde é a Sérgio Pacheco, a inscrição do trem era ali. Os trilhos passava aqui na Monsenhor Eduardo.⁶⁸

Na pergunta que fiz ao senhor José dos Santos, estava a minha busca: pensar as transformações vividas neste pedaço da cidade, nestes tempos construídos nas memórias dos moradores. O tempo da chegada na cidade, da busca por um lugar de moradia e os significados destas memórias para a constituição de alguns espaços. Este trecho é significativo para pensarmos a experiência social destes sujeitos que vinham de outras regiões, com filhos para criar, precisando encontrar trabalho e local de moradia. Para estes, a Vila das Tabocas se tornava um lugar onde poderiam encontrar meios de

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Idem.

suprir as necessidades do seu modo de ser, de construir espaços de trabalho que lhes permitissem escapar da condição de perpetuação da miséria⁶⁹.

No relato acima, ele disse que quando veio para Uberlândia encontrou emprego nas casas de beneficiamento de arroz. Hoje este senhor tem um comércio e, além disso, tem trânsito freqüente nos espaços institucionalizados como cantor popular⁷⁰, daí o nome Flor do Campo.

O fato de dizer que não se muda nem com o prêmio da loteria (poderia comprar uma casa em um condomínio fechado) carrega os significados da sua experiência atual, de alguém que se sente valorizado e que melhorou as suas condições de trabalho na cidade. Advém dessa experiência o sentido da afirmação do seu lugar, do reconhecer-se pertencente àquele espaço compartilhado. É justamente por se tratar de uma região de trabalhadores pobres, das dificuldades com o trabalho pesado, do preconceito com o trabalhador negro, que se torna muito importante ficar ali. Não é simplesmente o espaço físico, mas não se mudar carrega o sentido da persistência de quem se viu morando em uma favela e conseguiu chegar em 2004 com os filhos “encaminhados” e, agora, residindo próximo ao centro da cidade.

Ter um bar, tocar viola, andar pelo bairro e ser reconhecido dá a mediação entre os crescimentos colocados na sua fala. Colocar esta análise no início deste capítulo é importante porque este território se constitui nesta mediação, o que significa que o crescimento do senhor José não está isolado, está dentro de um processo social onde outros sujeitos se colocam e interpretam o avanço das fronteiras urbanas. Muitos moradores deste local trazem este enredo de crescimento mesmo não usando este termo nas suas histórias. Esta interpretação está organizada nas suas trajetórias, e nas formas como estabeleceram relações com outros sujeitos desta cidade.

Ao ser perguntado sobre como e quando foi morar no bairro Bom Jesus, ele narra sua trajetória:

⁶⁹ CARMO, Luiz Carlos do. “Função de preto”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945-1960. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000. p. 69.

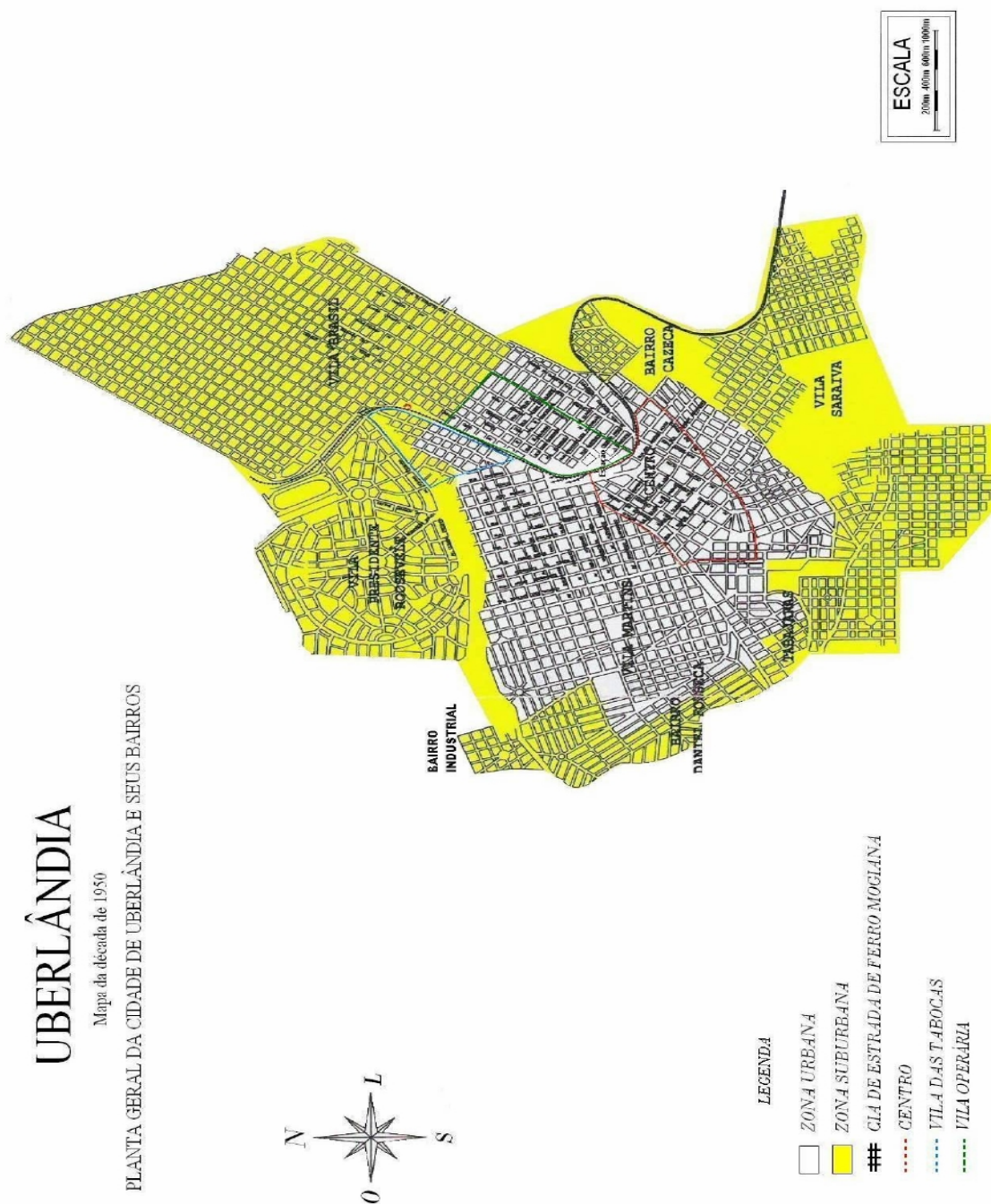
⁷⁰ Existe uma rede construída pela da Secretaria de Cultura e por alguns produtores na cidade que propicia espaços para apresentações de cantores da chamada música caipira. Estes espaços possibilitaram aos sujeitos em questão o reconhecimento e a conquista de novas apresentações.

Eu vim passá o Natal com o meu tio aqui em Uberlândia. Eu fui criado sem pai e sem mãe, fui criado com minha avó. Eu tinha vindo a primeira vez pra cá em 1950, eu tava com cinco anos, aí meu tio, que estava servindo o tiro de guerra aqui, ele ficou e nós voltamo pra nossa terra. Aí quando foi em 1959 pra 60, ele foi me busca pra mim passa o Natal com ele aqui. Aí a gente veio passa o Natal e ficou e eu não voltei mais, achei boa a cidade, quetei por aqui, me acomodei.⁷¹

A lembrança de vir sem pai e sem mãe tem um sentido forte no enredo construído pelo senhor José dos Santos, na própria estruturação da sua entrevista e no sentido que traz das disputas na cidade. Isso porque, a forma como ele busca o seu lugar e o seu reconhecimento está ligada à de permanência neste lugar.

Este tempo da memória, que traz a chegada à cidade, deixa abertas algumas reflexões sobre os sujeitos dos quais estamos falando aqui e as circunstâncias em que eles se movimentaram na cidade até estabelecerem moradia e acomodação em algum lugar. Antes de falar um pouco mais sobre estas experiências, apresento para reflexão outro mapa da Uberlândia, este construído para representar a cidade entre os anos de 1950 e 1960:

⁷¹ José dos Santos, março de 2005.



MAPA 2 – Uberlândia na década de 1950 e 1960. In: DAMASCENO, Fernando Sérgio. Condições de vida e participação política de trabalhadores em Uberlândia nos anos de 1950/60. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia.

O mapa acima foi desenhado para a reflexão da dissertação de Fernando Damasceno sobre os modos de viver e de organizar de trabalhadores nas décadas de cinquenta e sessenta e tem importância na minha reflexão em função da interpretação que o historiador faz da cidade neste tempo. A construção deste mapa neste primeiro trabalho leva ao leitor os lugares onde viviam e trabalhavam estes sujeitos.

Da construção de Damasceno fiz algumas alterações para incorporar a minha problemática colocando no mapa e na legenda outras representações. No lado superior do mapa, está a Vila Operária e, na parte inferior, a Vila das Tabocas, uma área já loteada pela Imobiliária do futuro prefeito Tubal Vilela, e, naquele momento, de pouco interesse de investimento deste capital imobiliário. Estes territórios foram destino de muitos trabalhadores que vieram de outras cidades, principalmente aqueles que, como o senhor José dos Santos vieram sem muitos recursos para trabalhar nas empresas próximas à Estação da Mogiana.

A Vila Operária concentrava os trabalhadores mais ligados à Mogiana, preocupação maior de Damasceno e a Vila das Tabocas eram constituídas por trabalhadores das casas de beneficiamento e industrialização de produtos agrícolas. Abaixo uma representação do loteamento e a lei que autoriza a empresa a lotear e vender a área:

Tubal Vilela da Silva, que fora prefeito da cidade de Uberlândia de 1950 a 1953 e um empresário justamente do capital imobiliário, teve sua atuação política institucional ligada ao partido PSD⁷². A imobiliária Tubal Vilela é hoje umas das grandes empresas deste ramo e tem a gênese desse acúmulo de capital justamente nas décadas de 1940 e 1950, quando conseguiu, com o apoio dos técnicos da prefeitura a serviço do empresário/prefeito a autorização de vários lugares para investimento e acúmulo de capital⁷³. Essa relação entre a gênese do capital desses grupos (e aí vamos juntar as família Freitas, Tibery e Pereira) e a dificuldade que os trabalhadores tinham para honrar os compromissos feitos demonstra como vinha sendo desenhada a cidade e como vinha sendo travada a luta destes trabalhadores para pertencerem a ela. Um pertencimento não apenas físico, mas também nos valores que construíam no lugar onde conseguiam morar.

Outros moradores falam das suas estratégias para a aquisição da moradia e expõem suas relações com o empresariado que se beneficiava das redes de poder postas nesta região. Na citação abaixo, temos o trecho de um depoimento anônimo, retirado da monografia de Marta Maria da Silva. Talvez por opção política a metodologia não compunha o nome dos sujeitos que relatavam sobre as formas utilizadas para se tornarem proprietários dos lugares onde moram:

O lote foi vendido para nós no valor de 15 mil réis, na época. Pagávamos em prestações, ou a troco de animais que o Tubal Vilela levava para sua fazenda. Era muito caro, muita gente custou a pagar e perdeu a terra. O meu pai deixou acumular prestações e o terreno foi para leilão, só não perdemos porque vendemos toda a produção de alimentos e animais de trabalho para pagar com juros e multas⁷⁴.

⁷² CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos – Uberlândia (1938-1990). Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001. p. 59.

⁷³ Em uma breve visita ao site da Imobiliária Tubal Vilela podemos ter uma noção da ampliação dos negócios deste grupo na cidade de Uberlândia e o quanto foi significativo a parceira prefeitura e empresários para o avanço da empresa sobre vastas áreas. Eis aqui os loteamentos deste imobiliária: Bairro Cazeca; Bairro Fluminense (atual B. Brasil); Bairro Jardim Europa; Bairro Jardim Itália; Bairro Jaraguá; Bairro Jaraguá (prolongamento); Bairro Pampulha; Bairro Planalto; Bairro Planalto 1; Bairro Santo Inácio; Bairro São Lucas; Fazenda Tubalina (atuais setores do B. Tubalina); Vila das Tabocas (atual B. Bom Jesus); Vila Brasil (atual B. Brasil); Vila Carneiro; Vila Esplanada (atual B. Brasil); Vila Fátima; (atual B. Martins); Vila Gardênia; Vila Mendonça (atual B. Brasil); Vila Nova (atual B. Martins); Vila Operária (atual B. Brasil); Vila Oriente; Vila Presidente Vargas; Vila Ribeirinho; Vila Saraiva; prolongamento Lagoinha); Vila Vasco Gifoni.

⁷⁴ Depoimento recolhido de: SILVA, Marta Maria da. Reestruturação urbana no bairro Bom Jesus – Uberlândia. Monografia – Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, 2001, p. 45. Infelizmente, o

A forma como eles foram adquirindo seus lotes e construindo suas casas vão nos ajudando a entender as suas experiências sociais e a composição de suas memórias. Outros moradores que conseguiram adquirir seus terrenos neste tempo nos ajudam a pensar a composição de sentidos para este lugar. O senhor Valci da Silva Oliveira tem 63 anos e trabalha como motorista de caminhão. É morador do bairro Bom Jesus desde os cinco anos de idade. Ele me recebeu para uma conversa e, entre muitos assuntos, falou das dificuldades em fixar a sua moradia na vila.

O senhor Valci concedeu-me um tempo para conversarmos sobre o bairro onde mora e a cidade de Uberlândia, juntamente com sua esposa, a senhora Marli de Oliveira. Essa entrevista foi um encontro interessante desde o seu início. Na verdade, fui até essa casa para falar com a senhora Marli, por indicação de uma outra moradora do bairro por ter atuado na direção da associação de moradores, trabalhado diretamente como tesoureira. Ao chegar na residência, fui apresentado ao senhor Valci, que estava de folga das suas viagens e se interessou em narrar a sua experiência.

Estes moradores foram escolhidos para compartilhar sua experiência neste trabalho por estarem ainda no bairro Bom Jesus e terem vivenciado todas as transformações físicas dessa região — exatamente como o senhor José dos Santos, o senhor Pedro e outros. Esse diálogo com os moradores se tornou rico em significados pela própria experiência do casal nos muitos anos que moram ali. O diálogo girou em torno da inserção como sujeito dos acontecimentos narrados durante a conversa:

Marli: É que sempre... eu acho engraçado cidade isso, sabe, porque era deserto, era mato, por que que o prefeito faz loteamento, né? Aí o pessoal vai mudando...

Valci: porque na época que o meu pai comprou, isso aqui era do meu pai, quando o meu pai comprou aqui nós morava ali perto do supermercado alugado né, na rua dos Pereira ali, mas o que o meu pai não tinha condições de comprar. Um lugar longe, um dos bairro que primeiro foi lançado pela imobiliária Tubal Vilela foi esse bairro aqui ó, onde nos moramo hoje, deu oportunidade da pessoa comprar longas prestações.

Marli: Era bairro das pessoas mais pobres [...]⁷⁵

Deserto e mato, estes são os elementos trazidos pela dona Marli Oliveira para retratar esse lugar na sua experiência. A fala de dona Marli traz novamente essa tensão

depoimento não conta com autoria, funcionando mais como ilustração no corpo do trabalho. (destaque nosso).

⁷⁵ Valci da Silva Oliveira e Marli Aparecida Oliveira, Entrevista realizada em 10 de janeiro de 2005.

de estar em um lugar que, naquele momento, representava a distância, o que era longe não fisicamente, mas longe a partir dos elementos que traduziam a noção de pertencer à cidade. Este sentimento parece estar colocado na questão que ela levanta: por que o prefeito faz os loteamentos nestes lugares desertos? É significativo o diálogo que vai se estabelecendo entre eles, mediado pelas minhas questões. No movimento da memória, eles trabalham os questionamentos e essa idéia da oportunidade que vem de fora, daqueles que têm poder para isso. E eles continuam narrando as estratégias utilizadas para conseguirem o terreno onde hoje moram:

Valci: Não, no Aparecida já era mais caro, [...] aqui era mais barato, era onde ele dava conta de comprá. O meu pai toda vida foi um homem assalariado, então foi aqui que ele comprou, ele teve muita dificuldade pra consegui paga e tal, então a luta foi assim com essa dificuldade toda, depois ele morreu e isso aqui ficou pros irmão. [...] Na época eu já trabaiaava muito, eu já viajava, trabaiaava com caminhão, consegui junta um dinheiro, falei pra muié, quando eu casei a primeira coisa que eu falei pra muié “olha meu bem vou junta um dinheirinho porque a gente num pode vive de aluguel, aluguel é terrível, pra nós compra um terreno e fazê nossa casinha e tal”. Nós invinha trabaiano e lutano, lutano, mas nesse meio de prazo o meu pai faleceu, morreu muito novo, meu pai morreu de acidente de trabalho, então o que que acontece, aí Deus ajudou que eu já tava mais controlado, os irmão quis vendê, eu comprei deles.⁷⁶

O bairro Aparecida era vizinho à Vila das Tabocas, ficava na parte superior dos trilhos de ferro e mais próximo à estação. Naquele momento, era chamado de Vila Operária, que nas novas configurações da cidade foi dividida entre Bairro Aparecida e Bairro Brasil. Como fora dito mais acima, na Vila Operária estavam concentrados os trabalhadores da Mogiana. E o interessante da narrativa é que ela traz uma diferenciação entre estes trabalhadores e aqueles que estavam nas Tabocas.

O sr. Valci e a Dona Marli ajudam na interpretação sobre a composição dos sujeitos que moravam neste lugar, caracterizados pela última como lugar dos pobres, daqueles que não estavam recebendo o reconhecimento sequer de trabalhadores. Aqueles que precisam lutar, não lutaram apenas pela obtenção da moradia (e isso já foi uma luta gigantesca), eles lutaram também pelo reconhecimento como moradores e trabalhadores da cidade.

Tudo isso constitui uma teia de acontecimentos que são trazidos à memória e nos ajudam a compor este território, não de forma isolada, mas nas tensões do constituir-se

⁷⁶ Idem.

da cidade. Ao contar como adquiriram o terreno e construíram suas casas, estes sujeitos mostram as dificuldades colocadas ao homem assalariado e àqueles que desembarcavam na cidade com pouca margem para negociar. Mas, ao mesmo tempo, na potência que possuem, vão trabalhando e lutando para construir os seus lugares e conquistar alguns direitos. Neste movimento percebemos a importância para estes trabalhadores o fato de terem conquistados um lugar para morar, e sair da insegurança que a vida em outros tempos lhe apresentava. Para o senhor Valci esta luta compõe os sentidos do pertencimento e mediatiza os significados do crescimento da cidade.

Quando estes sujeitos demarcam este lugar, eles trazem os elementos para interpretar o que significava morar na Vila das Tabocas em um tempo em que os projetos de reforma e intervenção da prefeitura municipal, juntamente com o capital privado de empresas como a Imobiliária Tubal Vilela davam os seus primeiros passos. Porém o retorno a Vila das Tabocas só tem sentido na medida em que conquistaram alguns direitos e, apesar das dificuldades encontrada, ficaram.

O senhor José dos Santos traz no seu enredo outras experiências de viver nesse lugar quando faz questão de frisar: praticamente eu me considero de Uberlândia⁷⁷. Insistir em ser de Uberlândia tem um significado que não está no tão divulgado ufanismo dos seus moradores, mas na busca por possuir a sua localização na cidade neste território de trabalhadores.

Quando pergunto ao senhor José dos Santos como era a vida na Vila das Tabocas nesse tempo da Mogiana, ele traz a seguinte interpretação:

[...] quando era taboca, quando não era centro isso aqui, há 30, 40 anos atrás, o centro era lá na..., na... Tubal Vilela. Dali pra baixo que era centro, aqui era periferia, aqui era favela, tinha uma favelinha logo ali embaixo, aqui no moinho, na Calu, era uma favela, entendeu?⁷⁸

Existem dois tempos trabalhados na memória deste trabalhador, o tempo das tabocas, que significava a vida na periferia e o tempo de hoje, de viver no centro da cidade. Esses dois tempos são trabalhados na memória para construir a sua trajetória e, concomitantemente, marcar os sentidos do seu pertencimento à cidade. Este sentimento

⁷⁷ José dos Santos, março de 2005.

⁷⁸ Idem.

de pertença dos moradores do Bairro Bom Jesus está ligado às imagens que foram colocadas sobre o lugar onde vivem e sobre como viviam em um bairro de favelas ou casas de caixote.

O nome dado ao bairro é de uma planta típica do lugar, chamada por uns de Taboca e por outros de Taboa, porém este nome guarda sentidos para além da flora regional. Viver na Taboca era viver na periferia, esta noção não vem tanto da distância em relação ao que era considerado o centro da cidade, pois fisicamente o lugar onde moravam não estava distante do centro da cidade, são os mesmos 500 metros de hoje. O que dá a idéia da distância é o próprio significado de morar ali nos anos 1960, de estar no lugar deserto, ou próximo do mato, essa é a idéia de isolamento que as condições lhes colocavam.

Nas recordações de Dona Maria de Lourdes estas noções de espaço são organizadas na vivência próxima ao mato e, em determinados momentos, como a convivência com propriedades privadas:

É lembro, Uberlândia era uma cidade, assim, bem redondinha, não tinha bairro, não sei se ocê lembra ali do, daquele posto Stefani ali (...) ali no posto Stefani era umas moita de bambu, mesmo onde o posto é construído... Ali era umas moita de bambu, dali pra cima era mato. Era do posto Stefani até mais ou menos, assim, naquele rio o Uberabinha ali né. Era mais ou menos, era bem redondinha, não tinha bairro. Aqui no Roosevelt por a lá, por ali tinha poucas casas mas bem na beradinha da rodovia porque na época essa rodovia aqui era brejo... É um plantinha que chama Taboa, ela solta uma painazinha. Então ali na rodovia era brejo, desde aqui na Calu até no era um brejuzinho assim cheio de Taboa e lamacento, do lado de lá tinha poucas casas mas pra atravessar pra lá, os próprios moradores punha uma taboa assim pra servir de pinguela... Não, não tinha indústria pra lá nessa época, muitos anos atrás não tinha não, era só alguns moradores e mais pra frente era mato. (...) Que tinha que passá, assim numa estradinha no meio do mato, não tinha asfalto, passava numa estradinha no meio do mato pra trabalhar nessa fábrica de foice porque ela era bem... aliás, agora ela tá pertinho porque Uberlândia foi...⁷⁹

Dona Maria de Lourdes mora na Avenida Mauá, no interior do bairro. Reside neste lugar a mais de quarenta anos e chegou na cidade, junto com sua família a procura de melhores oportunidades de viver. O seu marido foi por durante anos comerciante no bairro o que rendeu a Dona Maria de Lourdes dois imóveis próprios, nesta região. A suas histórias são marcadas primeiro por este relacionamento e, em segundo lugar, por

⁷⁹ Maria de Lourdes Gonçalves, agosto de 2004.

uma experiência traumática na avenida Monsenhor Eduardo, onde sofreu um acidente que lhe deixou impossibilitada de se locomover sozinha.

A noção de cidade trazida pelas suas narrativas ajuda-nos a construir outro mapa. Nesta cartografia Uberlândia é vista pela ótica das relações estabelecidas pela moradora. A zona suburbana do mapa de Damasceno é lembrada por Dona Maria de Lourdes no convívio com algumas propriedades particulares, fazendas que representava o convívio com o mato.

Neste enredo imagens do presente são usadas para marcar as memórias e dar um sentido as construções sobre a cidade e suas mudanças, assim o posto Stefani (hoje no bairro Aparecida, antiga vila Operária), a Cooperativa Agropecuária Limitada de Uberlândia (CALU) e as indústrias representam marcos de uma expansão da cidade vivenciada por ela. O que aparece no mapa do loteamento como córrego das Tabocas no mapa dos sentimentos e da memória de Dona Maria de Lourdes surgem como os brejos as formas constituídas no seu cotidiano para superar as dificuldades de morar próximo a ele. Estes referenciais servem para Dona Maria de Lourdes – assim como outros serviram ao senhor José dos Santos – dar os sentidos à sua vida contada ao pesquisador em 2004 e colocar as marcar e o sentido do seu pertencimento.

A narradora traz algumas referências importantes para entendermos como estes lugares vão ganhando significado nas suas memórias, e assim interpretarmos como a cidade mudou. O mais significativo destes relatos é o sentido dado ao crescimento da cidade e o sentido das trajetórias destes sujeitos neste crescimento, que não é simplesmente a vinda de indústrias, o desaparecimento dos matos, o asfalto, mas como estes moradores se reconhecem no crescimento, dizendo-nos que fazem parte e têm direito a ele.

A forma como chegam na cidade impõe determinados limites, isso não quer dizer que anulam as ações destes sujeitos, que impedem escolhas, mas demonstram as relações de poder constituídas na cidade. Dona Maria de Lourdes fala da sua chegada na cidade. Esta moradora nasceu no Sul de Minas, veio para Uberlândia em meados da década de 1940, ainda menina. Ao perguntar sobre os motivos que os levaram a vir para esta cidade, constrói a seguinte interpretação:

Olha o meu pai, a gente morava numa cidade lá no Sul de Minas, uma cidade muito atrasada, num tinha esse recurso que a gente, [...] se não fosse nas lavouras, nas roças, nas fazenda, dentro da cidade mesmo, não tinha...

Entrevistador: Não tinha emprego, né?

[...] Aí o meu pai era um homem assim meio agitado, ele falou: “qué sabê, eu vou sair fora daqui com minha família”. E nós viemos pra cá quase, como diz, com a roupa do corpo, né? Porque naquela época vinha de trem de ferro, não tinha rodovia...⁸⁰

A narrativa desta viagem, sua chegada e a acomodação em Uberlândia, é extremamente rica pelos elementos trazidos. A começar pela iniciativa de saírem de um lugar sem recursos em busca de uma outra cidade onde construíram suas vidas. O modo como a narradora constrói o seu enredo para situar a si e a família — representados na figura do pai — os potencializa como sujeitos, porque traz na força da narrativa a escolha de homens e mulheres que enfrentaram uma realidade difícil onde moravam, mas que se sentiram “incomodados” e buscaram outros lugares. A maneira como ela relata a saída da cidade mostra que eles, mesmo enfrentando dificuldades pela precariedade do trabalho e da renda, se colocam como “agitados” ou fazendo opções.

Ao interpretar os motivos que os impulsionaram a sair, Dona Maria de Lourdes coloca a imagem da cidade de origem em contraposição à cidade de Uberlândia. Assim, a idéia de atraso é demonstrada em contraponto às oportunidades construídas aqui e, mais do que isso, esta imagem está referenciada na sua trajetória e na experiência vivida na região das Tabocas, das dificuldades enfrentadas, mas a partir do que conseguiu construir na sua vida.

Reside aí a força da construção deste enredo, porque ele não demonstra apenas a falta de trabalho ou de condições gerais de viver na cidade natal, mas também “imprime” valores subjetivos⁸¹ que nos ajudam a pôr em movimento a noção de sujeito e de cidade, isto é, nos ajudam a construir uma interpretação de como a cidade muda em diálogo com estes enredos.

Nomear sua cidade como atrasada carrega símbolos da cidade sintonizada com valores hegemônicos, não podemos negar que a força destas construções, do domínio de uma visão de Uberlândia que se quer a partir dos projetos dominantes, mas por outro

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Subjetividade no sentido dado por Portelli como “trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade”. Cf. PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. In: Tempo. v. 1. n. 2. Rio de Janeiro, 1996. p. 59–72.

lado, dizer que está em uma cidade avançada, ou moderna, expressa o sentimento de permanência, no caso de Dona Maria de Lourdes de mostrar que construiu um patrimônio, e que, o avanço das fronteiras da cidade não conseguiu expulsá-la.

Estas interpretações trazidas nestas teias de lembranças⁸² ajudando-nos a por em movimento o suposto básico do trabalho: as pessoas fazem a cidade enquanto se fazem como sujeitos, e nesse fazer-se deixam suas marcas na paisagem. Voltando à narrativa do senhor José dos Santos, vamos elegendo outros elementos importantes que ajudam a entender sua trajetória para encontrar um lugar onde morar que fosse compatível com sua renda⁸³:

Quando eu vim pra cá eu tava no bairro Martins, eu morava no bairro Martins, lá eu morei vinte dias só. Eu não gostei do Martins, aí eu achei uma casa aqui, aluguei uma casa ali em baixo da rua Brasília, lá eu fiquei dez anos. Aí o pessoal vendeu a casa lá, eu mudei pra outra aqui da [rua] Jerônimo, ali eu fiquei três anos, ali não deu certo, eu vim pra cá.⁸⁴

Este morador veio em busca de trabalho e outras oportunidades que não encontrava na sua cidade natal, principalmente por ser trabalhador rural. As escolhas aqui foram feitas de acordo com as poucas oportunidades dadas a estes trabalhadores e incorporadas à sua experiência trazida do lugar de onde veio. Por isso, num primeiro momento, o emprego que conseguiu foi nas empresas de beneficiamento de arroz que estavam localizadas ao longo da estação e próximas à Vila Operária.

É durante essa experiência de trabalhar nas ensacadoras de arroz que o senhor José dos Santos constrói a idéia do tamanho da cidade pelo transporte coletivo que necessitava utilizar para se deslocar da Vila Martins para a Vila Operária, onde trabalhava. O seu trabalho é enquadrado na categoria construída pelo historiador Luiz do Carmo determinada como “funções de preto”⁸⁵. Não é intenção aqui retomar estas experiências de trabalhadores nas categorias construídas pelo historiador, mas sim

⁸² Cf. LACERDA, Franciane Gama. Cidade, memória e experiência ou o cotidiano de uma cidade do Pará nas primeiras décadas do século XX. In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). “Cidades”. In: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, 2000, pp. 199-224.

⁸³ Nesse caso específico, a renda de um trabalhador braçal nos armazéns revendedores da cidade.

⁸⁴ José dos Santos, março de 2005. (destaque nosso)

⁸⁵ Termo usado na dissertação de CARMO, Luiz Carlos do. “Função de preto”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945-1960. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000. CARMO, Luiz Carlos do, 2000.

entender os sentidos das escolhas dos sujeitos ouvidos. As muitas dificuldades impostas não só pela baixa renda e local de trabalho, mas também pela forma e local de moradia, tempo e dinheiro gasto no transporte, levaram o senhor José dos Santos a se mudar da Vila Martins, mais próxima ao centro da cidade, para a Vila das Tabocas, próxima às indústrias de produtos agrícolas, onde conseguira trabalho e preços mais acessíveis de aluguel.

Estes lugares constituem partes importantes da cidade na vida destes trabalhadores. Ali estavam as pensões com preços e condições — cadernetas, prazos construídos na confiança —, além de aluguéis mais baratos e casas financiadas com condições específicas, como a troca pela produção agrícola e pelos animais.

Ainda na dissertação de Luiz Carlos do Carmo é possível trazer alguns elementos para pensarmos as experiências destes sujeitos que procuravam o entorno da estação da Mogiana em função dos aluguéis mais baratos e pela oferta de trabalho nestas funções específicas, nas palavras de Carmo:

O Bairro das Tabocas, nessa época, era uma região da cidade caracterizada pela presença de uma população muito pobre, destituída de atenção e recursos por parte dos poderes públicos. Segundo os depoimentos, essa região abrigava boa parte dos trabalhadores negros que atuavam junto às máquinas de beneficiar arroz das proximidades, dos chapas avulsos, dos trabalhadores nas olarias, das mulheres negras, que trabalhavam como domésticas, ou lavadeiras, entre outras atividades. O bairro Tabocas era também um local onde a cultura, o modo de vida desse grupo, fazia-se presente.⁸⁶

Através desta interpretação vamos constituindo os sujeitos e suas trajetórias de vida para entendermos como significam em suas vidas as muitas mudanças por que passou a cidade e principalmente os modos como vivem nela a partir dos seus lugares de viver. Por isso lidamos com cultura enquanto modos de. É com esse caminho, dos valores que marcam as narrativas, que Dona Maria de Lourdes se lembra de suas primeiras palavras ao chegar na estação: Aquilo ali! Nossa que coisa linda, eu falava: papai Uberlândia é bonito, né?, e ele falava: “é, minha filha, Uberlândia é bonito⁸⁷. O modo como recorda a chegada resume a constituição do enredo narrado ao longo da entrevista de sentir-se pertencente a esta cidade, a chegada a um lugar estranho não é

⁸⁶ Ibidem, p. 120.

⁸⁷ Maria de Lourdes Gonçalves, agosto de 2004.

lembrada como desterritorialização, mas sim como uma identificação ou até mesmo uma certa intimidade com a cidade. Isso demonstra que esta lembrança da cidade bonita está referendada na sua trajetória construída até o momento em que fala comigo.

A marca desta moradora está no momento em que coloca a sua família como sujeitos da sua própria história, que tomam decisões e escolhem caminhos. Estar em uma cidade muito bonita carrega o sentido desta tomada de decisão, de escolhas que estão sendo avaliadas no momento em que dialogamos em sua casa.

Agora a chegada nesta cidade nova, trazendo na bagagem alguns pertences e a força de trabalho como garantia de sobrevivência, levam estes sujeitos a se relacionar com um jogo de poder na exploração da sua mão-de-obra. Quando dona Maria de Lourdes fala sobre o momento da sua chegada, ela traz nas teias de suas lembranças os contatos feitos com outros sujeitos que, num primeiro momento, aparecem como empregadores:

[...] ele sofreu um pouco pra achá esse amigo dele, nós fomo pra uma pensãozinha, como é que chamava a pensão, meu Deus? Bem ali pertinho da Sérgio Pacheco, ali do lado de baixo tinha uma pensão, eu esqueci o nome dela. Fomo pra lá e ele conversou com a mulher assim (sorrindo): “eu quero que a senhora dê hospedage pra mim e pra minha família até eu procura aqui um amigo. A hora que eu procura o amigo eu vejo o que que eu faço e pago pra senhora a diária”. Sabe onde ele foi achá ele? Aqui na Monsenhor, perto do Hotel Hollywood, ali [...] Ele veio de a pé procurando, ensinaram mais ou menos pra ele, ele era muito, muito assim, muito de expediente, ele falou: “eu não sei de nada não, mas eu acho”. Pra ele aqui em Uberlândia era como se fosse São Paulo, que a cidade de onde nós veio era muito pequena, aí ele achou esse Chico Serra ali e amigo dele lá, né, ele: “não, eu também tenho pensão aqui porque se não veio direto pra cá?” E o pai: “eu tô assim, assim, assim né, eu trouxe pouco dinheiro e eu tenho que chegá e arrumá serviço rápido porque eu tô com a minha família e eu não tenho nem casa pra mora, a gente vem só com pouca coisa né, não tem mobília de cozinha, não tem mobília de casa”, ele falou: “nem posso pagá aluguel agora, tem que arrumá serviço primeiro”, ele [o Chico] falou: “não, não tem problema não, vai lá busca sua família eu também tenho pensão aqui...”⁸⁸

Pensando nas relações constituídas por estes sujeitos na cidade, este relato acima ganha muito em significado. No primeiro momento refletindo sobre em que condições estes trabalhadores chegaram na estação de uma cidade desconhecida e com poucos recursos. Uma situação fragilizada que ganha contornos mais dramáticos quando estes

⁸⁸ Idem.

vêm com suas famílias. Um outro detalhe que nos chama a atenção neste trecho é a função do senhor Chico Serra e das pensões que circunvizinhavam a estação. Pelo relato, nos parece que estes sujeitos funcionavam como uma espécie de agenciadores desta mão-de-obra que precisava encontrar emprego o mais rápido possível. Na continuação da sua fala temos outros indícios:

Entrevistador: Aí vocês foram pra outra...

Maria de Lourdes Gonçalves: É veio pra'qui.

Entrevistador: Foi com esse que ele arrumou emprego?

Maria de Lourdes Gonçalves: Não arrumou emprego com ele não! Ele arrumou emprego pro meu pai, ele arrumou emprego pro meu pai num sal que chamava Sal Tropeiro, muitos anos atrás, dum turco que chamava Nicolau Feres, acho que até tem uma... praça, é praça... esse Nicolau Feres era um turco grandão, fortão, né, e o meu pai sabia dirigir muito bem, apesar de lá sê muito, uma cidade muito sem, sem recurso, não sei como ele aprendeu a dirigir, num passou em escola de auto-escola nada, aprendeu sozinho. Foi chegando lá nesse sal que o Chico Serra levou ele, né, pra trabalhar nesse sal, aí ele perguntou pra ele assim, que ele era turco, mas sabia fala nossa língua mais ou menos, perguntou assim: “sabe dirigi home (tentando imitar o turco)? Ele falou: “um pouco”; “tem carteira?”, “tenho, cateirinha simples”, antigamente qualquer coisa era carteira, tem carteira, tem, o moço falou pra ele: “precisa outra viu, precisa outra”

É porque ele ia dirigir caminhão. Dirigir caminhão de homens pra leva de um serviço pro outro então tinha que tê uma carteira boa, aí ele falou: “precisa outra viu”; ele falou assim: “mas é fácil tira isso aqui?” ele falou: “muito fácil”, muito fácil porque ele ia ajuda né porque por conta do meu pai ficava difícil, ele falou: “muito fácil, isso aí num pega nada não, sabe dirigi? Sabe convive com o povo?”, ele falou: “olha eu sou um pouquinho meio estorvado mais dá pra convive”. O meu pai era muito, muito agitado aí o Chico Serra falou pro turco né: “não pode dá serviço presse mineiro que ele é bão de serviço, cê vai gosta dele” (...) ⁸⁹

Este relato me parece muito significativo para pensarmos estas teias de poder estabelecidas na cidade e em que condições estes trabalhadores passam a compor estas relações. Os empresários, como o senhor Nicolau Feres — que nos projetos vencedores na cidade ganhou um monumento em sua memória —, participavam de uma rede que passava pelas pensões do senhor Chico Serra, pelas cadernetas que aprisionavam estes trabalhadores nos compromissos e pelas dívidas constituídas no momento em que aqui chegavam. É evidente que na memória de dona Maria de Lourdes isto se apresenta de outra forma porque nesta ela está potencializando as iniciativas do pai e recordando em

⁸⁹ Idem.

função do papel que este tem na sua experiência vivida ao longo destes anos em Uberlândia.

É muito rico como ela tenta trazer as falas dos personagens que ficaram em sua memória. Provavelmente, isto tenha sido tema de conversas entre o pai e os familiares nos primeiros dias em Uberlândia, nos momentos de descanso nas pensões. O senhor Chico Serra aparece como amigo da família e aqui não estamos buscando a comprovação desses laços, mas sim pensando relações sociais, e é aí que estes compromissos firmados que aparecem na narrativa ganham força.

É muito significativo também a forma como coloca os diálogos que ela não presenciou. Novamente, poderia ter sido pauta nos diálogos entre os familiares a facilidade com que estes empresários contavam com o apoio dos poderes constituídos para ajudar os trabalhadores na obtenção de documentos. Estes favores podem ser usados como estratégias de prender estes trabalhadores e explorar sua força de trabalho em condições muito desfavoráveis a eles. É significativa também a interpretação da moradora sobre a exigência básica colocada ao seu pai de saber lidar com outros trabalhadores, que poderia simbolizar neste trato cordial o não envolvimento em discussões ou, até mesmo, a não constituição de grupos no local de trabalho.

Empresas como a do senhor Nicolau Feres constituíam uma espécie de distrito industrial no entorno da linha férrea e sempre poderiam utilizar desta fragilidade exposta nessa história e reinterpretada pela dona Maria de Lourdes. Uma opção destes trabalhadores no momento em que chegavam era ficar presos, pelo menos por algum tempo, a estas pensões e, em um segundo momento, com o salário que poderiam obter nas condições colocadas, adquirir os lotes ou mesmo alugar, como o senhor José dos Santos, uma casa neste bairro, que no momento constituía a região periférica da cidade, divisa com o “mato”.

Estas escolhas não estão colocadas unicamente como imposições. Quando dona Maria de Lourdes narra suas histórias e conta sobre as dificuldades, o faz sob a perspectiva de alguém que se coloca, daqueles que têm muito expediente. Evidentemente que não tomam decisões a partir de qualquer lugar, fazem dentro destas relações de exclusão, mas mostram os princípios que os ajudam a construir estratégias para viver em meio a estas relações adversas.

Ainda refletindo sobre a constituição desse lugar nas trajetórias e nas memórias dos seus moradores, coloco aqui uma outra interpretação, esta do senhor Pedro Alves de Oliveira. O senhor Pedro hoje tem oitenta e três anos, está aposentado e tem alguns imóveis de aluguel no próprio bairro Bom Jesus. Na sua entrevista, mostra as mais diversas funções que exerceu na cidade — guarda-noite, vendedor, juiz de paz, fretista, comerciante — e as relações que estabeleceu com empresários e políticos. A partir desta experiência, constrói o enredo de um sujeito que conseguiu formar os filhos e, de certa forma, uma aposentadoria tranqüila.

Conheci este morador em um dos lugares de conversa do bairro Bom Jesus, aliás esta é uma característica do bairro, que tem muitos lugares de encontro para bate-papo. É um bairro de pessoas idosas que permanecem ali há mais de trinta anos. Essa permanência será posteriormente discutida. O local trata-se de um pequeno chaveiro de propriedade de outro senhor chamado Sebastião. Em uma das minhas andanças pelo bairro, passei por este lugar e fui conversar com os moradores que ficavam batendo papo por ali. Ao falar da pesquisa, e que buscava conversar sobre as mudanças no bairro, os senhores que ali se encontravam logo apontaram este morador como uma referência, não só por ser um dos mais antigos moradores, mas, como eles mesmo disseram, porque era um homem que até político já foi⁹⁰.

O enredo construído pelo senhor Pedro de Oliveira carrega sentidos em torno desta referência, porque ao falar sobre a cidade e sobre o bairro, buscou sempre colocar o seu movimento, as suas estratégias para, através das várias funções exercidas, comprar os imóveis que hoje aluga. De certa forma, na sua fala, diferencia dos outros moradores acima citados, ou pelo menos na forma como constrói leva a esta diferenciação:

... aí a gente que precisa luta tem uma coisa [...] quando eu vim pra cá, da minha terra, lá eu tinha clube de bar lá na minha terra. Aí eu cheguei aqui e antes de eu sê guarda-noite eu tinha um armazém ali e hoje é outra coisa, é um bazar lá, mas eu aluguei os cômodo e trabalhei, lá ia muito bem mais eu era casado de novo e a minha esposa ficou grávida e o dono do buteco enchia muito a paciência até que a minha esposa falou assim: “olha Pedro eu num tô gostando de vê esse homem te enchendo a paciência aí não, nós vamo sai daqui”. Aí eu falei não, mais aqui tá bão, ela foi e disse assim pra mim: “não se num fô pra nós sai daqui eu vou voltar pro Prata”, a minha esposa falando: “não então até essa semana nós sai [...]”⁹¹

⁹⁰ Eles se referiam ao cargo de Juiz de Paz que era eleito pelos moradores da cidade.

⁹¹ Pedro Alves de Oliveira, entrevista realizada em fevereiro de 2005. (destaque nosso).

A primeira frase do senhor Pedro de Oliveira nos diz claramente como são os sujeitos com quem estamos tratando, porque congrega homens e mulheres que precisam lutar para sobreviver, que não eram os empresários, os donos dos meios de produção, os investidores que se fixariam no Distrito Industrial ou os já partícipes dos grupos hegemônicos da cidade, eram trabalhadores com suas famílias que não poderiam ficar esperando as coisas caírem do céu, precisavam agir, chegar aqui e encontrar uma maneira de ganhar seu sustento.

Aí de lá eu saí andano pra esses lugar tudo, num tinha Tibery, a Saraiva era mais ou menos, a Roosevelt tinha quatro casas na época, como modo de dizê, Santa Mônica não tinha. Bom, mas eu andei pros lugá tudo pra compra um lugar pra mim mora, então eu fui nesses lugá tudo onde eu ache,i foi aqui, mais importante, tava começando também. [...].⁹²

No modo como coloca sua narrativa, o senhor Pedro de Oliveira veio para a cidade em condições diferenciadas, não para alugar uma casa ou para ficar nas pensões que vizinhavam a estação da Mogiana e sim para comprar um imóvel. Este morador veio da cidade do Prata, a 86 km de Uberlândia, onde era comerciante, vendeu casa e comércio na sua cidade natal na perspectiva de conseguir uma casa comercial em Uberlândia que ampliasse sua renda. Neste trecho de sua entrevista, estão colocados alguns elementos que vão constituindo estes sujeitos que precisam lutar e esta região caracterizada pela presença de trabalhadores pobres⁹³.

Em um bairro onde as casas eram feitas de caixotes, é muito significativa a sua fala, porque nos leva a pensar em uma certa diferenciação interna neste lugar ou a refletir o que é ser pobre nesta cidade na década de 1960. Quero dizer que, embora esta região seja caracterizada como um território de trabalhadores, precisamos ouvir os seus moradores para não cairmos na armadilha da homogeneização de pensar como alguns sujeitos descrevem suas trajetórias em uma tentativa de serem lembrados não como miseráveis, como foi caracterizada a Vila das Tabocas em alguns veículos de comunicação da cidade e mesmo por moradores de outros lugares.

⁹² Idem. (destaque nosso)

⁹³ CARMO, Luiz Carlos do. “Função de preto”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945-1960. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

Falando ainda de como viviam neste lugar, neste tempo da Vila das Tabocas, Dona Maria de Lourdes conta sobre um acontecimento que marca as lembranças de muitos moradores:

Foi antes de eu casar, foi antes de 54 eu morava pra lá, mas eu vim vê no outro dia, foi de manhã, assim de madrugada quatro hora da manhã, cinco hora por aí, brotou uma água assim, de cá da Calu [Cooperativa Agropecuária Ltda - Uberlândia] assim naquela avenida ali mesmo só que ali era brejo, a água brotou lá de um jeito assim com tanta força que veio derrubando barranco, casa, tinha muita casa assim na beiradinha do brejo, aquelas casinha pequena, humilde, tinha até cercadinho de galinha, o povo aqui antigamente criava até porco nesse bairro aqui, criava lá os porquinho cercadinho, i tudo era freguês do nosso armazém al,i né? Então aquela água que brotou ali, num sei te fala o nome disso porque vulcão é no mar né, mas deu um broto de água ali assim ó, pertinho da Calu, mas brotou com tanta força que foi arrancando tudo, foi arrancando terra, barranco até as taboa que tinha ali, que te falei, as taboa levou tudo assim ó, levou casa [...] matou gente, matou criação, interrou gente lá na lama, porque misturou lama com água, que veio a água, os barranco caíram aí misturou tudo e virou aquela lama e era de madrugada, o povo não sabia o que fazê, morreu gente demais nessa época.⁹⁴

Estes moradores que tiveram seus barracos arrancados, que se misturaram com a lama das casinhas humildes, vinham de uma ocupação diferente em relação aos próprios moradores das Tabocas, era a “favelinha” citada pelo senhor José dos Santos. Os locais não eram ocupados de forma oficializada, com compra de terrenos e escritura. Eles moravam próximos do local onde hoje passa a rodovia BR-050. Este fato ficou conhecido por muitos moradores como “tromba d’Água” e coloca a constituição das moradias que, nas muitas memórias trazidas, vão diferenciando os lugares e ajudando a compor essa idéia de território de pobres.

Essa forma de ocupar este espaço traz significados muito forte nas entrevistas sobre o que era viver na Taboca. Assim, encontramos outras formas de tratar esse território:

Depois que o Tubal Vilela, ele que lançou esse projeto que vendia à prestação. Então num tinha...tinha aqui a Vila Operária, ali onde é a Igreja Nossa Senhora Aparecida, lá era a Vila Operária, mais era uma vilinha mesmo, rala mesmo, tinha mato, né? E aquela igreja de lá... hoje aquela Igreja Nossa Senhora Aparecida lá era uma igrejinha de São Sebastião. E bem pequena, né? E ali aonde que é o Moinho de Trigo, lá era a Vila das Taboca. Vila das

⁹⁴ Maria de Lourdes, agosto de 2004.

Taboca. Vila das Taboca, Vila dos Pobres, assim que o povo se tratava, sabe? [...]

Era pobreza de dar dó mesmo. Era muita pobreza. Era aqueles barraquinho, que hoje num existe, num tem, era folha de zinco. Muitos barraquinhos era coberto com folha de zinco, que a pessoa não tinha condição. Quer dizer, por isso que es falava, muitos falava Vila dos Pobres, outros falava Vila das Tabocas.⁹⁵

Vila das Tabocas e Vila dos Pobres, esse é o sentido construído para o bairro Bom Jesus na cartografia da memória de Dona Minervina. Morar na vila não significava necessariamente grandes distâncias de outros setores, mas sim morar em condições precárias, marcadas pelos sentidos dados à pobreza, caracterizados nesta fala pela casa de zinco, pelos barracos. Dona Minervina nunca morou na Taboca⁹⁶, porém sua narrativa é significativa na interpretação que traz sobre este local. Estamos falando de sentidos diferentes dados aos moradores das Tabocas.

Esta interpretação carrega significados ligados a discriminação em relação aos sujeitos que ali moravam, justamente por serem, em sua maioria, trabalhadores de baixa renda, pela composição das casas e pelo modo de vida que levavam. Pelo fato de residirem em um lugar fora do que era considerado no mapa oficial núcleo urbano, cercado pelo cerrado, eles carregavam o peso de serem privados dos benefícios da cidade, pois onde moravam era barro e terra, não tinha água nem nada, era poço, como se diz, cisterna⁹⁷. A falta de infra-estrutura ajudava a constituir um sentido para o lugar. Diferente da interpretação feita pela dona Maria de Lourdes, vizinha destas casas, que constrói outros referenciais, calcados na idéia de humildade, mas também nas ações dos moradores, na manutenção da horta, na criação de portos e, importante na sua fala, no fato de serem fregueses do seu armazém.

Para alguém que morava em outra região, a sua reconstrução da vila das Tabocas explicita os significados construídos nos debates realizados na cidade sobre este lugar, trazendo elementos que os transformava em espaço segregado. Durante estes anos, a Vila das Tabocas foi caracterizada como um lugar destoante da cidade. Nesse sentido,

⁹⁵ Minervina da Silva Sérgio, entrevista realizada em novembro de 2003, por Eliene D. de Oliveira Santana (arquivo da pesquisa).

⁹⁶ A entrevista foi realizada com outros propósitos, a historiadora Eliene Santana discute os significados construídos em torno do quebra-quebra de 1959 na cidade de Uberlândia. Cf. SANTANA, Eliene D. de Oliveira. Cultura urbana e protesto social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

⁹⁷ Pedro Alves de Oliveira, fevereiro de 2005.

outros termos são produzidos para este lugar. No Jornal Correio de Uberlândia, a vila aparece como uma cidade maldita⁹⁸.

A imprensa constitui uma dimensão importante da experiência social⁹⁹ e, como tal, produz valores culturais e interfere nos processos de dominação e de ressignificação desses valores construídos, evidentemente quando se trata de uma produção mediada pelas ações destes sujeitos. É com referência neste olhar para o jornal e atentando para a intencionalidade dos sujeitos que escrevem nas suas páginas que analisamos o modo como nomeiam territórios urbanos.

O que me chama a atenção nesta produção é a maneira como esses agentes significavam os trabalhadores pobres em Uberlândia e a maneira como vêem a sua presença social criminalizando suas formas de se manifestar¹⁰⁰. A preocupação dos homens e mulheres que compunham os sentidos para a cidade através do jornal e mediados pelas relações sociais se filiava à idéia de industrializar para modernizar¹⁰¹. Nesta concepção, não cabiam os modos de viver destes trabalhadores da Vila das Tabocas. Percebe-se uma tentativa de excluir a região da visão hegemônica da cidade-progresso, além de desqualificar os moradores dali e impor valores a eles. Em outro momento, o jornal produz a seguinte interpretação:

[...] Antro de vadiagem... Além da pobreza que impera em ‘Tabocas’, a vadiagem fez lá o seu reino. Homens fortes (não constituem regra, felizmente) tocam viola o dia inteiro, enquanto mulheres magras macilentas e esqueléticas

⁹⁸ Tabocas: A cidade maldita. Correio de Uberlândia, 08/02/58, p. 01 apud SANTANA, Eliene D. de Oliveira. Cultura urbana e protesto social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

⁹⁹ Cf. CRUZ, Heloísa de Faria. Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana – São Paulo 1890/1915. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

¹⁰⁰ Acredito não ser anacronismo pensar algumas representações colocadas no jornal Correio sobre o Dom Almir e os moradores que ocuparam este lugar na luta pela moradia trabalhados na dissertação de Rosângela Petuba e de outras referências com a notícia Menores maltrapilhos infestam bairros da cidade, de 29 de julho de 1986 que tratam estes sujeitos como: “menores mal educados, que praticam atos libidinosos, soltam palavrões e ameaçam entrar nas residências [...] vítimas de uma origem sem bons exemplos, jogados no mundo pelos pais ou vítimas do sexo desenfreado, que procria sem senso de responsabilidade acabam em tenra idade partindo para a criminalidade, alguns com alta dose de periculosidade, já tornados delinquentes juvenis.

¹⁰¹ Nessa perspectiva, criam-se campanhas como esta: “Dentro da campanha ‘década da industrialização’, lançada pelo CORREIO DE UBERLÂNDIA, e que contou logo com o apoio e o aplauso da Ass. Comercial, a reportagem apurou que se esboça na cidade, por parte daquela entidade, uma forte campanha que visa difundir o sentido de uma verdadeira industrialização da cidade, fortalecendo assim a posição da cidade industrial de Uberlândia. Será uma campanha de conscientização incluindo ‘slogans’ em impressos, faixas, painéis, etc., com lançamento e cobertura da ACIUB”, 9 de outubro de 1970. Retirado de: MEDEIROS, E. Antunes. Trabalhadores e viveres urbanos: trajetórias e disputas na conformação da cidade de Uberlândia 1970–2001. Dissertação (Mestrado em História Social) – Uberlândia, 2002.

mendigam tostões que eles mesmos vão gastar nas farras e cachaçadas ao rebolar dos sambas no chão batido. – Rara é a semana em que não ocorrem cenas de sangue nas ‘Tabocas’¹⁰²

A forma como são construídas as versões, a escolha dos próprios termos, desnuda a disputa de valores e significados em torno desta prática. O que significa dizer que são homens fortes, que tocam viola o dia inteiro, e que todo dinheiro ganho é gasto em farras e cachaçadas? Este enredo divulgado pelo jornal é forjado em meio aos preceitos liberais que ligam exclusão e pobreza à falta de iniciativa, à vadiagem. Esses adjetivos não só justificavam a falta de equipamentos básicos, mas ainda, e mais significativo, expunham uma tentativa de eliminar determinadas formas culturais de viver na cidade. Morar nesta região carregava o peso de uma exclusão e, ao mesmo tempo, na dialética da luta cultural¹⁰³, o sentido de criar laços de solidariedade, de relações de convivência, enfim, modos de vida tecidos na experiência social que se transmutam em modos de luta.

Quando retomam esse tempo da vila, da favela, de morarem em um lugar segregado, os moradores compõem na cartografia da memória outros sentidos para os lugares. Esses sentidos têm, em geral, duas funções nestes enredos: primeiro, a de organizar essa idéia de pertencimento ligada à de permanência e, segundo, a de servir como uma forma de avaliar os projetos postos em prática e disputados ao longo desses quarenta anos.

Ao dialogar com estas construções, dona Ana Maria Pereira traz no seu relato o sentimento de estar na cidade maldita:

lá era terra, tudo, nada era asfaltado, nem pé de moleque não tinha, tudo era terra, poucas casas, muito pouca, meu pai foi um, inclusive nós era muito excluído da família porque nós éramos pobres e minha família sempre foi de gente mais, né, de nível mais elevado, então a gente era pobre e eles até criticava o meu pai de tê colocado a gente ali no bairro, que nós era vileno, muito pobre porque nós morávamos ali, na Antônio Crescêncio, ali não era nada.¹⁰⁴

¹⁰² Jornal Correio de Uberlândia, 21 de julho de 1955, capa. apud CARMO, Luiz Carlos do. “Função de preto”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945-1960. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000. p. 120.

¹⁰³ HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte. UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

¹⁰⁴ Ana Maria B. Pereira, Entrevista realizada em fevereiro de 2005.

Promover campanhas para atrair indústrias, divulgar as reformas no centro da cidade — retirada da Estação da Mogiana, construção de grandes avenidas —, enfim, ser um interlocutor de um projeto para a cidade, são questões que levavam os agentes do jornal a criar esta versão sobre o que eram os pobres, no sentido de não serem trabalhadores. É no diálogo com esta versão que esta moradora ressignifica o sentimento de vergonha, porque estavam num nível abaixo dos outros. Morar nesta região, que não era nada, que não tinha nada, provocava rejeição por parte daqueles que tinham posse, uma separação entre os de nível elevado e os vilenos, numa interpretação das tensões que viviam os trabalhadores deste lugar.

Por outro lado, dona Ana Maria traz ao longo do seu enredo a figura paterna como trabalhador, daquele que abriu as oportunidades para a família, que destoa da imagem do pobre pela falta de iniciativa. A disputa que está colocada nestas muitas memórias expõe a guerra pela cidade, não no sentido único do direito à moradia, mas do direito de construir outras versões sobre o lugar onde moram. A partir do momento em que vão narrando suas trajetórias, conseguem virar o jogo da correlação de forças nesta disputa com a memória construída pela imprensa. Aqui, são homens e mulheres vivendo relações de dominação, claro, mas marcando os lugares com seus valores forjados na luta diária. Tensionando esta construção da vadiagem, o senhor José dos Santos fala do lazer na cidade de Uberlândia e, em sua narrativa, constrói uma outra história que entra de forma diferente daquela exposta no texto do jornal:

Naquela época num tinha lazer como tem hoje, num tinha clube, clube que aqui em Uberlândia era só o Caça e Pesca e o Praia Clube, quer dizer o praia clube de elite, Caça e Pesca era o clube dos pobres, né? Era os dois clubes que tinha, o Cajubá também era elite, não tinha o tanto de clube que tem hoje, Uberlândia tá cheio de clube, aonde você vai tem clube, aqui no Bom Jesus tem o Girassol, no Morumbi tem aquele clube lá que é o Parque dos Dinossauros, não sei, Jardim das Palmeiras, não sei, vários clubes que eu nem sei o nome. Então o lazer que nós tínhamos na época era barzim, os colegas de barzim, entendeu? “Ô fulano vamo encontrar no bar do fulano hoje? Vamo!” Aí reunia aquela rapaziada tudo naquele barzim, tomá sua cervejinha, bate papo, dava dez, onze horas, todo mundo ia embora, ninguém não tinha aquele negócio de amanhecer em rua, não existia, ninguém amanhecia em rua, era só de sábado pra domingo, aí sim tinha aqueles bailinhos, aqueles bailes de torda, você não conhece, você nem chegou a ver.¹⁰⁵

¹⁰⁵ José dos Santos, março de 2005. (destaque nosso).

Quem pertencia a esta elite — ou aqueles de “nível elevado” — que freqüentava o Cajubá e o Praia Clube? Estes são os grupos que compartilhavam com as imagens produzidas pelo Correio de Uberlândia¹⁰⁶. Sobrava aos pobres a possibilidade de serem associados ao Clube Caça e Pesca. Mas para outros trabalhadores que moravam na Vila das Tabocas, o lazer estava associado à música, aos bares e à diversão nos próprios arredores do lugar. Percebe-se que, ao falar sobre o seu lazer, o senhor José dos Santos expõe o preconceito e a discriminação vivenciados na cidade.

Este trabalhador, tocador de viola, morava na Vila das Tabocas, a vila maldita, e, ao construir sua trajetória nesta região, tece uma rede de valores que estão ligados às lutas e estratégias construídas nas suas vivências para contornar as duras condições de vida e, mais do que isso, à segregação posta por versões como a do jornal Correio. Devemos lembrar que esta vila, indesejada na configuração homogênea, como exposto na cultura letrada, gerava os primeiros ganhos para a família Tubal Vilela e para outros empresários que se beneficiaram da força desigual na relação posta entre eles.

Ao falar sobre as suas experiências, o senhor José dos Santos traz uma narrativa que nos põe a refletir sobre a produção social da memória e a disputa política em torno dela, cruzando esta interpretação com as imagens do Correio de Uberlândia. Ao passar por esse processo de trabalho nas sacarias, trabalhar, criar os seus filhos e permanecer, o morador narra uma versão que foi silenciada. Nesta memória, os encontros tinham o sentido de reunir a “rapaziada no barzim, tomá sua cervejinha, bater papo”, enfim, falar sobre a vida, dar notícias e, ao mesmo tempo, criar laços de amizade e solidariedade.

Nessa estratégia de potencializar suas ações, outros moradores vão se colocando e disputando a memória. Dona Maria de Lourdes hoje está aposentada, o seu marido foi um dos primeiros comerciantes desta região e, diferentemente do senhor José dos Santos, tinha uma espécie de distribuidora, uma grande mercearia. Ao falar da vida na Vila, ela traz elementos que os colocam em uma posição diferenciada dos trabalhadores, mantendo o foco das suas ações em um outro referencial:

[...] o meu marido mesmo ele ajudou a construir a igreja Bom Jesus, o meu marido. Ajudou assim, dano material, dano tijolos, alguma coisa que eles

¹⁰⁶ Estes clubes, e em específico o Praia Clube, foram sempre um espaço de debates para a construção de notícias postas às páginas do jornal Correio de Uberlândia ao longo da semana. Tratava-se de um lugar onde os grupos que detinham o poder econômico se reuniam nos fins de semana, compartilhavam projetos e construíam suas versões.

pediam que tava faltano pra construção da igreja ele ajudava, fazia o pedido, mandava a nota pra ele e ele pagava, o 13 de maio [colégio estadual] o meu menino estudou lá quando pequenininho tudo que aquela escola pedia o meu marido dava, era mantimento pra fazer sopa, arroz pra fazer galinhada, era macarrão pra fazer sopa, tudo ele dava, dava em sacas porque antigamente o nosso armazém não era igual. Hoje tudo em pacotinho, não, era saca de 50 kg, aquela saca, então quando ali o treze de maio mandava pedi pra nós um pouco de macarrão, não falava o tanto não, “nós támo precisando de macarrão pra sopa das crianças”, aquele saco de boca fechada assim costurada ele falava assim pro rapaz que trabalhava lá com nós “põe esse saco de macarrão aqui na bicicleta” — bicicleta de carga — “leve lá no treze de maio e entrega pra dona Aparecida”. A diretora mandava a saca fechadinha. Ele ia aí nesses coisas de verdura...¹⁰⁷

Nas histórias contadas pela dona Maria de Lourdes, o senhor Creuso figura como um sujeito extremamente ativo na vida da Vila. Ele era um comerciante, podia ajudar com donativos para as escolas, ajudar a construir a Igreja. Neste trecho, esta moradora narra uma outra vida no bairro, uma vida diária ativa, não só nos laços de solidariedade que iam constituindo, mas uma vida intensa de sujeitos que estavam fazendo um pedaço da cidade. É dessa forma que os modos de vida se transmutam em modos de luta, construindo suas trajetórias e, no momento em que retomam, disputam a cidade.

Por outro lado, percebemos como esta disputa é desigual para os trabalhadores. Estes sujeitos vivenciam a tentativa de apagar suas experiências no momento em que percebem que mesmo ajudando o colégio e ajudando a construir essa igreja nada disso foi reconhecido porque não tem nada escrito¹⁰⁸. Esta fala traz outros valores importantes no diálogo que estes trabalhadores estabelecem com os grupos hegemônicos, neste caso o reconhecimento escrito das ações do senhor Creuso, já que nos muitos monumentos construídos na cidade não há o nome deste morador. Onde a dona Maria de Lourdes esperava que estivessem relatadas as ações do senhor Creuso Damasceno Gonçalves? Como instrumento de poder, a memória hegemônica elege e apaga sujeitos nas suas construções. O senhor Creuso não pertence a nenhuma das famílias pioneiras, aos grupos econômicos ligados ao poder, por isso seu trabalho não foi descrito e não valeu a ele ter uma praça como o senhor Nicolau Feres, este sim, compondo o grupo dominante.

¹⁰⁷ Maria de Lourdes, agosto de 2004..

¹⁰⁸ Idem .

Dona Ana Maria também fala dos sentidos de viver na vila neste tempo das Tabocas:

A cidade aqui [risos] era assim, todo mundo sentava nas porta, eu era muito pequena, quando eu... eu brincava nos trilhos, ali em frente ao Moinho de trigo, eu lembro quando começou a fazer o moinho de trigo, eu tinha quatro anos de idade, apanhava muito na época porque a gente brincava nos barro lá é a taboca, que o bairro Bom Jesus lá chamava taboca, lá chamava taboca e a gente buscava lá areia, areia branquinha pra areiá os alumínios, disso eu sei tudo, ali não tinha rodovia, ali, ali era só mina d'água, inclusive ali que é a Calu, se você fura ali você vai achar água, mina de água mineral porque ali era lugar só de água, lá fervia a água igual vulcão. E onde é o Cristo Rei era fábrica de banha, isso eu sei porque eu tomava... ela dava descarga porque era fábrica de banha, né? Tomava aquelas descarga de água fedorenta, brincando lá né, só de calcinha, nessa época era criança mesmo, né, tinha 4, 5, 6 anos. Antes da fábrica de banha, lá era uma fábrica de fósforos, só que isso eu não lembro, meus pais que lembram, né, eu não lembro.¹⁰⁹

Este é o sentido de cultura como experiência ordinária¹¹⁰. O trabalho caseiro, as brincadeiras, os (rios/córregos) agora canalizados, tudo isso constitui referência para os moradores interpretarem os sentidos para os lugares onde viveram.

Esta narrativa é de uma moradora que, em outro momento, colocou o sentimento de vergonha em morar naquele local por ser a vila dos pobres. Aqui ela está dando um outro sentido para este termo, não daqueles vadios, dos que não gostavam de trabalhar, mas daqueles que viveram relações sociais de desigualdade. E nas imagens que traz da infância, coloca as estratégias que estes trabalhadores usavam para viver na cidade. No final deste trecho, dona Ana Maria mostra que os suportes da memória estão nas relações construídas com a família e nos lugares que estes trabalhadores e seus filhos tinham para o lazer.

As empresas atuais servem de suporte para narrar não só o que ali estava, mas para dar significado para a mudança nos modos de viver. Ao falar sobre a liberdade de brincar das crianças e sobre o costume de sentar à porta para conversar, esta moradora não está apenas se lembrando de um tempo, mas também avaliando a cidade hoje e construindo uma perspectiva de cidade.

Dona Maria de Lourdes fala também destes lugares de trabalho e lazer:

¹⁰⁹ Ana Maria B. Pereira, fevereiro de 2005. (destaque nosso)

¹¹⁰ CEVASCO, Maria Elisa. Para ler Raymond Williams. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

É, foi, a população foi indo, né, mas antigamente era difícil de ir pra lá, passava num corgo não sei do que, que até as crianças, essas crianças que não tinha condições de freqüentar piscina, essas coisas... passava numa estradinha no meio do mato pra trabalhar nessa fábrica de foice porque ela era bem... aliás, agora ela tá pertinho porque Uberlândia foi (risos) ... a população foi indo, né, mas antigamente era difícil de ir pra lá, passava num corgo não sei do que, que até as crianças, essas crianças que não tinha condições de freqüentar piscina, essas coisas [...] ia brincar lá... E as mães ficavam preocupada porque era um corgo no meio do mato, perigo de cobra, perigo de bicho [...] as mães ficava preocupava “ah meu filho foi com o fulano lá pro corgo, lá perto do Siqueiroli”, causava preocupação porque... no meio do mato.¹¹¹

O território vai se constituindo nestas relações. A fábrica de foice é onde hoje está o bairro Roosevelt. A noção de distância é construída nas transformações da cidade. No tempo da fábrica de foice, o Roosevelt ainda era constituído por fazenda, propriedades privadas que foram se transformando em loteamentos. Crianças que não tinham condições de freqüentar as piscinas do Praia ou do Cajubá, ou mesmo as do Caça e Pesca, utilizavam essas propriedades privadas para seu lazer:

Uberlândia é outra! Uberlândia acabava, eu sei onde que Uberlândia acabava. Uberlândia acabava na Rondon, terminava lá no Zero Grau, onde é o Zero Grau e terminava ali na rodoviária, era Uberlândia, ia até lá no [clube] Praia, no praia tinha o praia mas eu fui em muitas fazenda fazê pamonha ali onde é aquela... onde é aquele posto ali perto do Praia, ali onde desce pra delegacia, em frente ali eu ia fazê pamonha, ali era fazenda, terminava Uberlândia ali, onde parece que depois foi uma fábrica de sabão Estrela, ali terminava Uberlândia e a Taboca terminava também e eu muito ali, no Vitória Sicarelli, a gente era criança... a gente falava “vamo lá no Vitória” a gente ia lá brincá eu e meus irmão [...]. A gente roubava os peixes lá deles nos corguinhos, já era deles lá do Vitória Siquerolli, e a gente ia lá nos corguinho dele pescá, e pescava muito peixinho lá.¹¹²

O que estava colocado como lugar maldito é reapropriado na vida diária. O que está sendo narrado é o uso das fazendas para construir caminhos alternativos, para práticas de lazer. É muito significativo como esta lembrança é trabalhada pela dona Ana Maria. O córrego ao qual ela se refere neste trecho ficava também nesta região do bairro Roosevelt e, no modo como ela se lembra dos fatos, são desnudadas outras relações de

¹¹¹ Maria de Lourdes Gonçalves, agosto de 2004.

¹¹² Ana Maria B. Pereira, fevereiro de 2005.

poder e a maneira como alguns lugares foram privatizados por determinados grupos. Peixes e rios se tornavam propriedade a ponto de sua utilização ser proibida.

Quando interpretam o que era viver entre os pobres ou em uma vila rodeada por favelas, estes moradores estabelecem um diálogo com a pesquisa e com estas construções produzidas pelos grupos envolvidos com as reformas urbanas e divulgadas no Jornal Correio de Uberlândia. Nesse diálogo, colocam suas trajetórias e a luta por ver materializados certos direitos básicos, como a moradia, o saneamento básico, a educação.

Neste trecho, a moradora traz um enredo para interpretar as mudanças vividas em Uberlândia. Entre os símbolos que traduziam o crescimento da cidade na versão hegemônica da cidade metrópole estão a avenida Rondon Pacheco, o Praia Clube, a Rodoviária ou empresas como a Zero Grau. Quando a dona Ana Maria traz estes elementos à sua memória, ela estabelece um diálogo com esta construção, mas o faz com os traços da sua vivência na cidade e a partir dos usos destes espaços que constroem outras histórias silenciadas nesta cidade das obras.

Nesse recriar da vida cotidiana, das formas de lazer, dos lugares de trabalho, enfim, de como trabalhadores pobres viveram nesta cidade, estes sujeitos começam a trazer lembranças de lutas diárias pela conquista de determinados equipamentos públicos. As histórias elaboradas no diálogo estabelecido com o pesquisador trazem experiências retrabalhadas, conservadas, transformadas, amalgamadas em sonhos¹¹³. Dona Maria de Lourdes constrói sua narrativa nas discussões apontadas na maneira como se coloca. A forma como interpreta o papel dos sujeitos envolvidos e o próprio crescimento urbano de Uberlândia pauta pelas lutas próprias dos seus pares.

As outras histórias do bairro têm como sujeito o senhor Creuso, seu marido, o morador mais forte, comerciante que garrava nos políticos e lutava para conseguir as melhorias necessárias ao seu trabalho. Em um primeiro momento, parece ser o senhor Creuso o único sujeito desta história e a dona Maria de Lourdes uma narradora que olha de fora dos acontecimentos. Mas, por outro lado, o início da sua história nos aponta outra possibilidade: O meu marido comerciou ali um armazém varejista, ele teve ali 28 anos ou mais, porque do tempo dele solteiro eu não tô contando, eu tô contando depois

¹¹³ ARANTES, Antônio A. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p. 19.

de casado pra cá, foi 28 anos, mas quando eu casei ele já estava.¹¹⁴ Essa história que envolve o seu marido como grande articulador das conquistas no bairro só tem sentido com a sua experiência, por isso contar apenas a partir dela.

Pouco a pouco, as dificuldades foram aparecendo, juntamente com a luta para superá-las. Primeiro, a falta de pavimentação nas ruas:

O caminhão vinha pra trazer mercadoria ali, né, e vinha cortando os matos assim quanto mais o caminhão passava mais fazia e aí ficava três trizinho assim né, era a estrada que chegava no meu comércio pra trazer mercadoria pro armazém.
porque aqui não tem condições de mora. É só o mato cresce, acaba as rua, então eu quero que passa e abre mesmo pra valê”. Eles jogaram até cascaio no chão pra vê se o mato não crescia tanto.¹¹⁵

Depois a luz elétrica:

luz elétrica tinha algumas casas, em algumas, na rua não tinha, luz elétrica algumas casas tinha luz, mas era aquela lâmpadazinha assim vermelhinha... aquelas que usavam um meio de lampião ou lamparina, aquelas coisa de antigamente que acendia um foguinho ali, né, enquanto tava com as porta aberta dava uma claridadezinha, né, aí ia fechando as casa e apagando as luz mesmo luzinha pequeninha, né, aí virava só aquela escuridão da noite porque na rua não tinha, aí o meu marido como o morador mais forte aqui, mais ativo ele foi levantando a moral [...]¹¹⁶

Por fim, o problema com o abastecimento de água:

Água de torneira era muito difícil também, né?
era mais de poço, aí ele foi dano uma dura nos candidato, nos vereador, foi pelegano uma coisa e outra e foi melhorando [...]
era tudo do poço, algumas casa tinha e era uma aguinha muito suja, quando abria a torneira só saía ferruje pra depois saí água limpa. Aí ele pediu pra melhorá o encanamento porque nem toda casa tinha água e, cada vez que ele pedia, foi melhorando, foi melhorando e ele veio pedindo porque ele era um morador muito antigo, né? Aí melhorou a água, o pessoal daqui achou bom demais.¹¹⁷

¹¹⁴ Maria de Lourdes Gonçalves, agosto de 2004.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Idem.

Então a narrativa sobre a Vila das Tabocas, a forma como chegaram, conseguiram seus lotes e usavam os lugares para o lazer, veio se transformando agora na ação destes sujeitos, com o intuito de melhoria na infra-estrutura básica. Alguns termos chamam a atenção nestas falas da dona Maria de Lourdes. É muito significativo como ela constrói a relação do seu marido com a prefeitura no intuito de conseguir os benefícios, a pavimentação, a luz e o esgoto. A ação de vir pedindo à prefeitura e, por outro lado, a ação do morador mais forte do bairro potencializa o sujeito naquilo que propomos na dialética da constituição dos lugares e, ao mesmo tempo, no modo como ela vê e cria os papéis sociais.

Como foi citado no início desta discussão, essa região que compreende o bairro Bom Jesus passou por intensas mudanças. Para adaptá-lo a um projeto de vias urbanas que facilitariam a circulação de mercadorias, mudanças iniciadas na década de 1970 que ligaria a BR-050, vindo de São Paulo, e entraria na cidade via João Naves de Ávila até o Distrito Industrial, via Monsenhor Eduardo, principal avenida do bairro¹¹⁸.

Porém, a materialização deste projeto na narrativa de Dona Maria de Lourdes está calcada em outros elementos que constituíam a dificuldade de viver e trabalhar naquela região, já que o seu marido era dono de um comércio, precisando então de ruas asfaltadas para circulação de mercadorias e energia para melhor conservação destas. Não só por isso, mas também pelas inúmeras dificuldades postas na vida no bairro. Agora, o papel social dos moradores era pedir que, de certa forma, se estabelecesse uma relação de doação da outra parte. Este é um movimento de conformismo e resistência¹¹⁹ que hierarquiza funções sociais, mas que não retira o potencial das escolhas.

Ao longo da sua história, o seu marido se constitui como o sujeito impulsionador das principais conquistas do lugar, mas, por outro lado, separa a ação política, que é de outros, dos poderes instituídos. Este elemento é importante porque expressa valores dados à noção de crescimento e coloca outros sujeitos no seu fazer. Estes sujeitos construíram seus projetos e, mesmo que postos como vontade individual, expressam possibilidades e apontam para as tensões postas no viver deste crescimento e para a constituição de memórias que expressam a luta política em torno da edificação dos lugares.

¹¹⁸ Esta discussão será aprofundada no segundo capítulo.

¹¹⁹ CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência – aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996.

A cidade aqui é construída na rede de significados, nos valores de seus moradores. Quando Dona Maria de Lourdes reclama a memória registrada dos feitos do seu marido, demonstra que a disputa pela cidade não está somente no uso dos espaços, mas está fortemente marcada na disputa pela memória, pelo reconhecimento dos moradores como sujeitos sociais da sua história.

Esse conjunto de mudanças físicas que expandiram a cidade para outros setores, criando o Distrito Industrial e reorganizando as avenidas centrais da cidade, transformou a Vila das Tabocas em bairro. Este lugar ganha outros sentidos nos mais de trinta anos que o separam da Vila Maldita para o bairro Bom Jesus, agora parte da região central, inserido nas imagens que construíram a cidade metrópole. As mudanças que constituíram outros valores, de morador da periferia para o centro, promoveram mudanças nas relações de convivência e nos modos de viver neste território. Esta expansão é narrada pelos moradores e tensionada em valores e imagens sobre a cidade. Em um documento da associação de moradores, os produtores reclamam a pouca participação nas reuniões, neste momento essa caracterização aparece como dado relevante:

- Porque tivemos a idéia de iniciar a formação de uma associação de moradores em nosso bairro?
- Foi para procurar a união dos moradores que vivem cada qual em seu lugar, sem se preocupar com os outros.
- União nos torna mais fortes para.
- Resolver os problemas que nos afligem: os tambores de combustível, os trilhos da fepasa, trens de ferro.
- 1) primeiramente fizemos um abaixo-assinado e conseguimos recolher 807 assinaturas. 2) No dia 4 de fevereiro de 1984, entregamos esse abaixo-assinado ao prefeito para que ele soubesse o desejo dos moradores e tomasse então providências para resolver nosso grave problema do bairro.
- Inicialmente não iríamos formar diretoria, e sim, uma comissão de coordenação
- Que as reuniões seriam realizadas no salão paroquial da Igreja Bom Jesus, até que pudéssemos ter uma sede. Decidimos ainda que antes de pensar em formar uma diretoria e em registrar a associação, deveríamos pensar em unir o povo do bairro, descobrindo assim, líderes que posteriormente fizessem parte da diretoria.
- Devido ao nosso bairro ser de classe média. Devido ao bairro não ter grandes problemas comuns como água, esgoto, asfalto, iluminação, transporte, etc. a não ser a linha de ferro.

- E, principalmente, pela nossa desorganização no trabalho e por falta de mais líderes que querem assumir conosco. Está sendo difícil, conseguir a união do povo.¹²⁰

Esse olhar traz uma tipificação interessante para a região do Bom Jesus na década de 1990, região que deixou de ser a vila maldita, dos pobres, para ser um bairro de classe média. Essa tipificação marca os muitos enredos de crescimento que ouvimos e qualificam trajetórias. Por outro lado, no movimento do fazer-se, a classificação traz sentidos muito diferenciados para aqueles que compõe a associação e buscam congregar outros. A história do bairro contada pela associação é expressa a partir do sentimento de união e tem como marco a criação da instituição. O sentido de classe média aparece nesta história como responsável pela falta de união, que traduz um uma concepção de história puxado pelas necessidades, o que dariam aos pobres – ou àqueles que falta algo – a vanguarda da participação e organização.

É interessante pensar o que leva a esta nova caracterização, já que a maioria dos moradores permanecem ali e alguns, como o senhor José dos Santos, continuam pagando aluguel. Para este morador este sentimento tem outros valores. Parece-me que a casa e a forma como ainda mora não pode ser enquadrado no que conhecemos como classe média, e não é isso o que importa para ele, mas como este olhar vindo de fora dá aos seus modos de viver nesse lugar um outro valor. Não é o salário ou o imposto de renda, mas como ele consegue vencer preconceitos e conquistar espaços na sua busca diária por ver reconhecido como direito uma prática tratada como desigual excluída e negada por valores construídos por grupos dominantes na cidade.

Esta tipificação tem relevância na vida dos moradores e é significada na mudança do nome:

Era Taboca, na época que eu vim pra cá era Taboca, Taboca, Taboca, aí que vem o nome Bom Jesus, porque aí veio vindo as melhora e acharam que não tava bão...

Entrevistador: o nome já não servia mais...

Pedro Alves de Oliveira: aí veio esse prédio aqui, já veio o grupo ali e aí por diante, já veio o Moinho de Trigo por ali e a Calu, aí entendemo de mudá, aí como é que faiz, aí é Bom Jesus, aí aprovaram e é o que tá, Graças a Deus.¹²¹

¹²⁰ Pequena história de nosso trabalho no bairro. Coleção Associação de moradores do bairro Bom Jesus. Centro de Documentação e Pesquisa em História, Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

¹²¹ Pedro Alves de Oliveira, fevereiro de 2005.

A lei que estabelece os limites ou o mapa que nomeia o lugar como participante do setor central da cidade tem na narrativa do senhor Pedro o sentido de crescimento, localizado na construção da escola, na vinda de empresas e na conquista das melhorias. Não estar mais na Taboca é livrar-se do estigma dos pobres, dos casebres, do sentimento de estar alijado do restante da cidade. A permanência neste lugar é extremamente significativa na vida de alguns sujeitos.

Esta noção de centro e periferia marca as disputas no plano simbólico. Por um lado temos nesta noção uma expressão produzida pelos interesses do mercado imobiliário. A valorização das suas casas, colocadas por alguns nas suas falas traduzem a forma como absorvem estes valores. Porém acredito que aqui há outra apropriação deste termo. Falam a partir destes símbolos, mas colocam na importância de estarem ainda neste lugar, isto é, na forma como colocam as suas permanências, ou os seus crescimentos, como coloca o senhor José dos Santos, o uso da noção de mercado ajuda na construção do significado de crescimento que é pessoal na fala, mas social no enredo.

Os proprietários aqui são antigos, eles não vão vender suas casinhas pra mudá pro meio do mato, tá central¹²². Agora estão longe do mato. Esses referenciais de cultura que qualificam o bairro estão calcados na sua trajetória de vida, entrelaçados com os valores hegemônicos construídos para a cidade sobre seu desenvolvimento. São moradores antigos que conseguiram ficar, que pagaram, a duras penas, o seu terreno, o seu imóvel, e saíram da vila. Para o senhor José dos Santos, morar neste lugar, ter o seu próprio comércio, ser reconhecido como músico, diferente do vadio, preguiçoso que toca viola o dia inteiro, mendiga tostões e gasta nas farras, conforme descrito pelo jornal Correio de Uberlândia ao se referir sobre a vida na vila maldita, guarda o sentido do seu reconhecimento como trabalhador e morador de Uberlândia.

A expansão, a incorporação ao setor central, expulsou outros: vai porque o povo não vai tendo mais condição de pagar o imposto, que é muito caro e vai mudando para os bairros da periferia né... fica caro, o aluguel fica caro, os impostos das casa fica caro e a pessoa não tem condição e vai perdendo¹²³.

Quando se pergunta ao senhor José dos Santos sobre a cidade de Uberlândia hoje, ele fala de uma cidade boa em parte porque é uma cidade progressista, industrializada, uma cidade com muita indústria. Muito bom e, relativo a hoje, era bem

¹²² José dos Santos, março de 2005.

¹²³ Ana Maria B. Pereira, fevereiro de 2005.

melhor por uma parte e pior por outra, porque a cidade tinha menos emprego, entendeu?¹²⁴.

O crescimento da cidade e o seu próprio crescimento estão colocados nestes valores construídos sobre a expansão urbana e industrial. Todo este processo só tem sentido porque está calcado nos referenciais de trabalho, o qual lhe possibilitou criar os filhos, pagar o aluguel e ter o seu próprio comércio. Não há, aqui, as famílias consagradas, não há entreposto comercial, grandes centros atacadistas. A sua história é construída na sua luta por se sentir parte desse crescimento, aliás, ela começa quando este morador passa a viver nesta cidade. Ela só cresce com ele, aí está o sentido deste crescimento porque o senhor José dos Santos se faz sujeito nele.

Hoje isso aqui é meu!¹²⁵ Acredito que esta afirmação compartilha de sentimentos muito próximos aos do senhor José dos Santos quando diz que gosta do lugar e que não se muda em hipótese alguma. Trata-se do sentimento de pertencer a esta cidade, enfrentando condições precárias, acidentes de trabalho, juros bancários, economia, aumento de aluguel e impostos para ter acesso a uma infra-estrutura e não estar mais na vila, na poeira.

No enredo que constroem os elementos que compartilham com outros moradores acima citados, desenvolvimento, infra-estrutura e escolarização dos filhos, pode ser percebido como as mudanças no espaço físico da cidade provocaram mudanças nos modos de viver nela e modificaram valores construídos socialmente:

isso é claro, a começar desse bairro aqui mesmo, que era barro e terra. Não tinha água nem nada, era poço, como se diz, cisterna, agora veio melhorando tudo, vem primeiro o carçamento, aí a energia, ou seja, a elergia mais vai lá que seja energia (risos), por exemplo, pra gente tê ela aí pusero essa rede, uma rede aqui mais na rua não tinha, aí eu e os morado da rua aqui fizemo por conta própria, aí nós tinha, aí depois veio miorando, aí esparramo pra todo lado, então aqueles fio, aquelas coisas acabou, aí veio a água na rua, aí também acabou a que tinha na fossa, lá no quintal pra podê fazê a.... como se fala o lugar de i no banheiro lá, no modo de dizê, aí acabou aquilo tudo, inclusive tem lá eu posso te mostrá lá em casa, na época que eu morava aqui, eu toda vida gostei de mexe com uma coisa ou outra. Eu engordava porco, cheguei a engordar até trinta porco, ai eu engordava, eu nunca gostei de compra porco grande não, comprava leitãozinho, aí punha lá no chiqueiro quando ele ficava grandão, tinha açougue por aí, eu já vendia pro açougue,

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Valci da Silva Oliveira e Marli Aparecida Oliveira, janeiro de 2005.

comprava outros e assim foi. E aí quando miorou do jeito que tá, aí eu fui obrigado a pará...¹²⁶

Neste trecho, esses sentidos são novamente colocados, a possibilidade de ter energia elétrica, rede de esgoto, que não são dádivas do crescimento, mas sim direitos conquistados. A fala traz também essa complexa relação com o poder reconstruído nas histórias desses homens e mulheres. Por um lado, essa colocação de fazer por conta própria, de buscar os meios necessários para fazerem o lugar, e, por outro, os limites postos pelo processo histórico de mudanças na forma de compor a cidade foi o que impôs novas regras e novos modos de viver no bairro.

No momento em que estes moradores dialogam comigo nas ruas do bairro, apontam lugares transformados, mostram suas casas e reclamam do trânsito, eles não falam apenas do que viveram no passado, não estão apenas narrando suas vidas, mas também estão avaliando o que vivenciaram e exprimindo os seus projetos dentro de uma perspectiva de cidade. O enredo da cidade em desenvolvimento é avaliado por estes moradores no momento em que apontam uma tensão entre a idéia de crescimento e insegurança ou as imposições em nome do que seria a cidade moderna.

Essa relação tensa do que é construído nos projetos hegemônicos é que projeta nas intervenções do espaço a cidade-metrópole de tantas potencialidades, do comércio pulsante do parque industrial moderno e arrojado, das novas construções, da paz e da harmonia¹²⁷, o que é experimentado como perda nas relações entre os moradores quando mostram diferenças entre a cidade do tempo da lembrança — cidade calma e tranqüila — e a cidade de hoje, do medo e da insegurança.

Nesta tensão de projetos e olhares sobre a cidade, os moradores mostram lugares em construção na disputa de valores. Valores estes que em determinados momentos são lembrados como resquícios de um passado, mas que, na verdade, estão ainda em disputa e apontam perceptivas do morar em Uberlândia. Além disso, trazem projetos, muitos deles derrotados no processo histórico, mas retomamos aqui para continuarmos entendendo como a cidade mudou.

¹²⁶ Pedro Alves de Oliveira, fevereiro de 2005.

¹²⁷ Cidade com qualidade. Documento produzido pela Secretaria Municipal da Indústria, Comércio e Turismo, Uberlândia 1992. Centro de Documentação e Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia.

DOIS

“Moramos numa ilha chamada Bom Jesus”¹²⁸:
algumas histórias sobre a avenida Monsenhor Eduardo

É possível perceber, nas memórias recompostas por moradores do bairro Bom Jesus, em Uberlândia, aqui colocadas em debate e interpretadas, valores construídos ao longo de suas trajetórias nesta cidade. Tais valores traduzem os modos como esses sujeitos lutaram para pertencer a esta cidade. Um pertencimento ligado a sentidos que lhes custaram muito caro, uma vez que se viam como trabalhadores, músicos, militantes, donas-de-casa, enfim, como moradores que fizeram este território e nele cresceram. Nos enredos colocados em debate até aqui, fomos recompondo tempos que traduziam dificuldades, preconceitos, mas também um sentimento de crescimento ligado à superação destas dificuldades.

Neste momento do trabalho, vamos retomar outro tempo, não isolado de outros antes interpretados, mas que envolva disputas e desnude formas deste fazer-se da cidade, o qual nos propomos a interpretar. Estaremos nos reportando aqui a outro processo, que acredito compor este mesmo enredo, com tempos diferentes, de imposições de projetos, incorporações, resistências e ressignificações materializadas neste lugar.

Trataremos de um tempo que está marcado nas memórias dos moradores do bairro Bom Jesus como o tempo das reuniões, da criação da associação de moradores, ou ainda, como tempo de participação. A partir destas memórias, faremos a interpretação de um conjunto de ações empreendidas pelos moradores do bairro Bom Jesus com o intuito de mudar uma parte do lugar onde moravam, a Avenida Monsenhor Eduardo. O senhor Pedro Alves de Oliveira se lembra deste tempo com alguns referenciais:

¹²⁸ Maria de Lourdes Gonçalves, agosto de 2004.

[...] Eu, por exemplo, participei, foi justamente na época de fazê isso daí, essa mudança da avenida Monsenhor Eduardo que acabou com o bairro, que isso aí não valeu nada, que acabou até com a avenida porque ela não era alta nem nada, era tudo reta [...] então quando começou nós fiz muita passeata e ia até na prefeitura passeando com o povo tudo.¹²⁹

Falaremos destas ações inseridas num tempo em que os projetos postos em prática por grupos dominantes em outras décadas estavam sendo avaliados como um todo. Para nós, discutir a Avenida Monsenhor Eduardo a partir destas memórias tem um sentido mais amplo, de questionamento dos rumos que os setores dominantes — empresários em parceria com mandatos do poder executivo — haviam dado à cidade no momento em que iam materializando seus projetos. Este trecho apareceu com frequência nas falas dos moradores do bairro, com interpretações diferenciadas que congregavam valores e sentimentos de viver nesta cidade e, neste diálogo, ele impôs-se como tema de reflexão para nós.

Para entrar nesta discussão, quero trazer algumas fotografias tiradas no ano de 2005 em determinados lugares do bairro. O objetivo, ao tirar estas fotos, era o de produzir fontes que fizessem uma leitura a partir das conversas com os moradores. Fotografei algumas casas, ruas e avenidas que traduziam o meu olhar sobre as tensões de projetos expressos nas várias fontes com as quais havia lidado durante a pesquisa.

Analisar fotos que nós mesmos tiramos tem algumas especificidades que dão contornos diferenciados e sobre as quais precisamos refletir. Quando olhamos fotos que estão publicadas em jornais ou guardadas em arquivos, sabemos quais são os primeiros passos que devem ser tomados, como identificação do autor e análise dos ângulos e posições de acordo com o lugar social do fotógrafo, o que evidentemente não representava as preocupações do pesquisador atual. Minhas preocupações estão envolvidas pela própria dissertação, pelas questões que o social nos colocou durante o trabalho e pelo caminho a que a pesquisa foi nos levando, por isso são documentos muito diferenciados, que traduzem o meu próprio enredo, os olhares que firmei para o social e o meu entendimento da interpretação histórica da cidade. Isso quer dizer que as fotos a seguir expressam, de certa forma, a própria trajetória do historiador:

¹²⁹ Pedro Alves de Oliveira, fevereiro de 2005.



FOTO 01: Parte interior do bairro, avenida Marciano de Ávila. Foto tirada pelo autor em 2005.

Esta primeira foto é da rua Marciano de Ávila e do bar Flor do Campo, do Senhor José dos Santos. O nome do bar se mistura a sua trajetória artística de forma que não conseguimos separar a gênese de um da do outro. Esta foto foi tirada alguns dias depois de a entrevista ser feita. Busquei mostrar não só o seu bar, mas também algumas residências vizinhas a ele, a fim de, a partir da arquitetura dos imóveis, interpretar o modo como estes sujeitos vivem e refletir os sentidos para o viver nesta cidade.



FOTO 02: Residências na avenida Mauá. Foto tirada pelo autor em 2005.



FOTO 03: Avenida Mauá. Foto tirada pelo autor em 2005.

Estas duas fotos da sequência foram tiradas na Avenida Mauá com o objetivo de mostrar algumas residências e pensar como as opções de viver a/na cidade podem ser questionadas a partir da permanência de uma determinada forma de construir casas.

Quando caminhamos pelo bairro e registramos diferentes maneiras de morar, podemos entender um pouco mais destas disputas. Para o visitante, ou mesmo para o pesquisador que por ali anda, os diferentes recortes registrados pela fotografia guardam alguns sentidos deste pequeno trecho da cidade.

No interior do bairro, é possível observar casas pequenas, antigas, e um ritmo de vida mais lento. Na foto 01, destaquei o bar do senhor José dos Santos e, ao fundo, uma residência. O bar é voltado para o comércio de bebidas e só começa a funcionar no final de tarde, atraindo alguns músicos que gostam de moda de viola, estilo musical do proprietário. O bar é um dos referenciais que compõem o enredo da entrevista do senhor José dos Santos, porque simboliza uma das faces de sua luta pelo pertencimento à cidade; uma luta, como veremos mais adiante, que ainda prossegue com outros significados.

As residências das fotos 01 e 02 chamaram a minha atenção por alguns detalhes, sobretudo pela janela ligada diretamente com a calçada e a rua, assim como o portão. Na casa da foto 02, este estilo de janelas e portas fica ainda mais claro. A falta de separação entre a casa e a rua indica um modo de se relacionar neste território. Ao analisar as transformações na cidade do Rio de Janeiro a partir da derrubada e extinção de alguns territórios, Lúcia Silva se depara com casas populares que possuem uma arquitetura nesses mesmos sentidos, as quais ela chama de população janeleira¹³⁰, em que as janelas atuavam como extensão da rua¹³¹. Para a historiadora, estas construções indicam o modo de viver de uma população que vivia do ajudar-se, afinal saber o que ocorria na vizinhança era uma forma de proteção mútua. Mas não era uma comunidade idílica, pois o compartilhar demandava uma intromissão que tinha o seu preço, sem a qual não é possível o auxílio.¹³²

¹³⁰ SILVA, Lúcia. O apagamento de um lugar de memória: o arrasamento do “morro do castelo” e a “exposição universal de 1922”. In: CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). História: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 39-64.

¹³¹ Ibidem, p. 44.

¹³² Ibidem, p. 43.

Estas casas expressam, na sua forma, estes valores, que podem ser recompostos em algumas memórias, como a de Dona Ana Maria, já colocada no primeiro capítulo, de um tempo em que as pessoas sentavam nas porta¹³³. Este tempo é lembrado a partir de outras formas de se relacionar:

Ali onde tem as residências eu fui amiga de muita gente, tinha um senhor chamado João Galinha, ele fazia coisa de comê, tripa, então a gente, bucho, a gente ia lá comprá né, porque a gente gostava [...] era tudo gente muito humilde, todo mundo muito... inclusive tinha um senhor lá que tinha um armazém que chamava Cleuso [...] era o armazém que a gente comprava, [...] tinha o senhor Alaor, o senhor Sebastião Elói, que tudo ali do lado, perto onde eu morei.¹³⁴

Neste cenário recomposto pela memória, os sentidos do viver remontam aos estilos das casas. A disputa pela cidade e a luta pela permanência podem ser lidas também nos registros destes prédios.

Não estamos dizendo que a disputa está na manutenção ou não da casa, das suas cores originais ou da sua funcionalidade, tampouco que a sua permanência nestes moldes seja símbolo de resistência e motivo de proteção. O que estas casas trazem são sentidos que expressam uma maneira de morar e se relacionar neste lugar. O que permanece é uma edificação funcional para um modo de viver que vem sendo transformado, retrabalhado, a partir de outra lógica colocada para o viver na cidade.

Isso quer dizer que muitos podem manter suas casas por não terem condições de adaptá-las ou reformá-las, não importa, o que é relevante é pensarmos que esta arquitetura expressa uma sociabilidade que vem sendo pressionada. Um tempo que, nas lembranças de Dona Ana Maria, remonta às pessoas humildes, que se conheciam pelos nomes. Colocar esta memória junto com uma arquitetura é importante, aqui, para entendermos quais valores estiveram em pauta no momento em que eles se reuniram para discutir uma avenida.

¹³³ Ana Maria B. Pereira, fevereiro de 2005.

¹³⁴ Idem.

Ao olharmos, hoje, muitas residências na cidade, estas que analisamos nos parecem estranhas. Basta atentarmos para a outra construção ao fundo da foto 02 ou para as casas na foto 03, tirada no bairro Bom Jesus, e vemos quais são os novos padrões: casas com muros mais altos e sem contato com a rua ou com as pessoas que transitam no bairro. O sentido desta forma de morar materializa outras relações.

Quando andamos na parte superior do bairro, visualizamos algumas diferenças:



FOTO 04: Parte inicial da avenida Monsenhor Eduardo. Foto tirada pelo autor em 2005.